

ANO XXVI N 324
DEZ 2003

INFORMAÇÃO

REVISTA ESPÍRITA MENSAL

ASSUNTOS

- **COMUNICAÇÃO** 03
ENTIDADES DE AFRICANOS
- **SERVIÇO** 06
A VERDADE E O TEMPO
- **CIÊNCIA** 08
HOMOSSEXUALISMO, TRANSEXULISMO E ASSEMELHADOS
- **PANDRAMA** 13
A INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS
- **JUVENTUDE** 15
O JOVEM E SEUS PROBLEMAS
- **EDUCAÇÃO** 17
PORQUE OS ADULTOS SE ESQUECEM QUE JÁ FORAM CRIANÇAS

OUTROS...

- Conversa Breve
- Kardec Afirma
- A Vida Continua
- Chico e Emmanuel
- As Lições de Chico Xavier
- Mensagens

Mensagem da capa

O homem ainda não quis compreender que a maior oportunidade não poderia sair da indigência de nossas mãos. Só a sabedoria e a magnanimidade de Deus podem conceder às nossas almas esse ensejo divino.



EXPIAÇÃO

Nem todos os lares são formados por espíritos que se reúnem atraídos por questões passadas entre eles.

Muitos atraídos por afinidades pessoais em uma ou várias existências aqui se reencontram para, juntos, resgatarem dívidas recíprocas. Por vezes, essas afinidades e necessidades de resgates não existem, entre eles.

A fim de pagarem, por si mesmos, faltas pessoais são submetidos a reencarnações que poderíamos denominar de preparatórias e durante as quais sofrem tormentos contínuos passando por uma vida de provações capazes de modificarem os defeitos e inclinações adquiridos através de vidas sucessivas e que se enranham tão profundamente em seus perispíritos que nenhum conselho, razão desperta ou raciocínio foram capazes de modificar.

Possuem, também, a finalidade de servir como instrumentos de torturas, como provações para outros encarnados que a eles se ligam, a fim de que sofrimentos reflexos sejam capazes de despertar-lhes, também, melhores sentimentos.

Se forças poderosas agem para a consolidação dos lares onde os sentimentos amadurecidos os amparam, também, permitem que as inclinações para o mal se cumpram, facilitando-as, até mesmo, a fim de que as conseqüências se façam sentir mais rápidas e com elas, melhores propósitos de regeneração.

Um descuidado que sentiu o choque provocado pela eletricidade dificilmente repetirá o ato; um condenado, por um crime qualquer, não o cometerá segunda vez com a

mesma facilidade.

Para os recalitrantes, para aqueles que voltam ao erro apesar das conseqüências pelas quais passaram e pretendem

praticar outras vezes, ainda, essas mesmas forças poderosas impelem e facilitam, mesmo, torturas maiores até ao esfalfamento com o propósito de, acumulando sofrimentos, apressar a caminhada.

Neles ainda existem possibilidades de regeneração, motivo pelo qual são impelidos a colher, mais depressa, o resultado da sua sementeira.

Os persistentes se regenerarão por outros meios, em outros mundos, onde as condições de vida se acham nos primórdios.

Na história daquele casal de velhos, presentimos mais um caso para as nossas observações, porém, jamais pensávamos no valor de mais um ensinamento.

Ele, com 72 anos de idade.

Ela, com 64.

Vinham até nós pedir interferência junto de autoridades policiais e políticas para dois filhos: - Um, foragido, sem notícias há 2 anos, e para o qual desejavam a complacência, atenuando a perseguição tenaz, a fim de que pudessem ver o filho, ainda uma vez, na vida; para o outro que se achava, em casa, louco, acorrentado, vivendo em uma quase pocilga, a transferência para um Sanatório onde poderia desfrutar de mais conforto.

Além deles, uma nora desvirtuada, perdida no torvelinho do mundo.

Para si nada desejavam, O sofrimento havia sido tanto na vida, que dispensavam a proteção de Deus



e as possibilidades da medicina, tanto que a morte, naquela idade, com tantas preocupações e tormentos, representava um verdadeiro alívio.

Viviam sós, na fazenda, bastante retirada, quase tudo no abandono ouvindo, dia e noite, os gritos, os gemidos e as lamentações do filho louco.

Por vezes, alguns vultos rondando pelas suas terras e nos quais pressentiam policiais, à procura do outro filho.

Em cada canto e objeto, a lembrança daquela que, indiferente aos seus tormentos e idade, tudo abandonara.

Parecia mesmo, que uma rajada de desventuras havia assolado o campo das suas vidas destruindo tudo aquilo que procuraram levantar para o repouso da velhice - esperança nos filhos, amparo junto à nora, alegria com os netos futuros, embalados pela paz e tranquilidade.

Na verdade, a situação era bastante desagradável e nada mais representava, para nós, do que as contínuas tragédias dos lares, espíritos reencarnados, viajores à procura da redenção.

Quais os motivos que atormentavam a vida daquelas duas criaturas que viviam, agora, no campo das preocupações morais, colhendo o produto das suas sementeiras?

Deveriam ser bem fortes, pois, até mesmo da Justiça Divina, nada mais esperavam.

Feito o pedido para nossas observações, assim ouvimos:

Possuíam uma fazenda, por herança, onde viviam ele, a esposa e dois filhos. Era um lar onde imperavam o egoísmo, a maldade e a inatividade.

Arrendavam suas terras a várias famílias e sempre que essas, após um trabalho estafante, se alegravam

à espera de colher o produto do seu esforço, plantações e criações, ambos instigavam os filhos a expulsá-las, não lhes permitindo levar nada e tudo faziam com requinte de maldade, indiferentes aos rogos, ao choro, à situação precária em que se viam envolvidas.

Fortes, maus, os rapazes, instigados pelos velhos, cometiam os maiores absurdos contra aqueles infelizes, certos de que nenhum teria coragem de levar, perante a Justiça, as suas reivindicações.

Afastavam-se, temerosos, impotentes, sofrendo humilhações, vivendo ao relento e passando fome até que pudessem arranjar novo serviço.

Os velhos e os filhos se exultavam com os novos lucros e nenhum vislumbre de arrependimento ensombrou os seus corações.

Um dos últimos ao ser expulso, reagiu.

Foi assassinado por um dos rapazes. Uma filha, sob gargalhadas e ditos brejeiros, infelicidade pelo outro.

Atearam fogo ao casebre e os demais da família, esposa e duas crianças, soltas pelo mundo.

Após reencarnações intermediárias aqui se acham de novo em provas e expiações.

Novamente entregues à exploração de terras, mas já submetidos à civilização, tempos diferentes daqueles em que a lei amparava os ricos e poderosos, nada ou quase nada conseguiram materialmente, porque os novos arrendatários não se deixavam explorar e eles ainda conservam o vício da indolência

Um filho foragido, inocente, mas sofrendo uma perseguição tenaz e caso interessante para a observação: Em reencarnação passada foi um



profissional, caçador de negros escravos foragidos. Sempre muito bem armado e montado, recebia régia paga para capturá-los.

Forte, mau, impiedoso, conhecedor profundo dos sertões, se comprazia em perseguir, encontrar e apresentar aqueles infelizes para sofrerem castigos impiedosos.

O que lhe agradava, sobretudo, era ver a correria daquelas criaturas escravizadas, os seus gestos, as suas posições, a fisionomia desfeita pelo terror, quando encontradas.

A maldade era tamanha que chegava a soltá-las para, na recaptura, gozar daquele espetáculo.

Agora, também, foragido, evitando cidades e povoações, vive pelos matos e pelas tocas, curtindo privações.

O mal por ele praticado não tem a extensão que julga e poderia muito bem ser remediado.

Acontece, porém, que uma falange de pretos chefiados por alguns dos antigos escravos por ele perseguidos lhe incutem, dia e noite, sem descanso, idéias de culpas tremendas, tão horríveis, tão pavorosas, que não se arrisca a enfrentar a justiça dos homens.

Medo, terror, fisionomia transtornada, inquietação, instabilidade, eis o resultado da sua provação passando pelos mesmos estados de alma que fez passar e sofrer os seus semelhantes.

O filho, louco e encarcerado, veio expiar o crime praticado, assassino sem punição das leis humanas.

A nora, transviada e da qual não mais tiveram notícia, um espírito em provação, expiando erros do passado, cheio de deslizos e servir, ao mesmo tempo, de expiação para os velhos que se acham em preparativos para

futuros resgates.

Sim, expiação, porque, no filho foragido sentiam, agora, as mesmas inquietações, mesmas angústias, mesmos cuidados e mesmas saudades que a sua indiferença provocou no seio de tantas famílias.

No louco, que precisam amparar, a tortura auditiva relembrando-lhes dia e noite, ora as imprecações, ora o pranto convulsivo daqueles que se viram expulsos e espoliados.

Na atitude da nora, a revolta íntima, o orgulho ofendido, a mágoa, a dor que sentiram os pais daquelas que se perderam, também, vitimadas pelos filhos por eles açulados.

Como espectadores desses fatos, no isolamento dos campos, sozinhos, engolfados nas desventuras sucessivas, espíritos mais libertos da matéria já gasta, envelhecida, melhor podem receber os eflúvios benéficos que as falanges recuperadoras procuram incutir-lhes no perispírito.

Em suas horas de ócio, em suas noites longas, atrozes, como não devem sentir e chorar acontecimentos tao amargos, tão inexoráveis!

Naturalmente, pediram muito a Deus, mas a incompreensão humana ainda não percebe que a melhor dádiva de Deus não consiste na obtenção daquilo que o egoísmo deseja - está, sim, na possibilidade da expiação, vendo e sentindo em si mesmo, aquilo que não se deve desejar aos outros.

Cada lágrima que aflora aos olhos, no período de expiação, representa uma dívida que se apaga na página imensa das vidas sucessivas.

Em todos esses casos, a Justiça dos homens, o ouro material, a maleabilidade política, nada poderiam fazer porque ali se fazia sentir a Justiça de Deus,



proporcionando a todos eles oportunidades para o resgate daquilo que ficaram devendo e meios de colherem aquilo que haviam plantado. Naturalmente, em próximas reencarnações, estarão aptos a formar novos lares, nos quais as lembranças do passado, estereotipadas no psiquismo, servirão de escudos contra os sentimentos menos dignos, alicerce onde a sentinela da vigilância não permitirá as mesmas quedas e a repetição dos mesmos erros.

Um lar constituído e desfeito pelos granizos das próprias tempestades por eles formadas mas, recebendo, ao mesmo tempo, não da terapêutica humana, mas sim da terapêutica Divina, por intermédio dos medicamentos da dor, da angústia e das torturas morais, os eflúvios regeneradores, antídotos para combater o veneno das ações e dos atos menos dignos.

Quais seriam, para a Psiquiatria, os diagnósticos para:

O louco e encarcerado?

O foragido da Justiça?

A nora transviada?

Os velhos, espectadores de desventuras, desses dramas em família?

Muito diversos e desorientados porque somente os princípios da reencarnação podem oferecer os conhecimentos para as causas predisponentes, a fim de melhor estabelecer o diagnóstico para aquelas torturas morais e físicas.

O mais, são conceitos e teorias ainda uma vez esbarrando-se ao encontro dos túmulos, incapazes de proporcionar tranquilidade e reconstituir aquele lar, como tantos outros, ainda existem, no Presente, esquecidos das Leis Divinas por se julgarem amparados pelas Leis Humanas.

FONTE

PSIQUIATRIA EM FACE DAREENCARNAÇÃO, por Dr. Inácio Ferreira, ed. FEESP



A MÁQUINA E A FÉ

Quando tratamos das relações do Espiritismo com os problemas humanos, sem perder a noção do lugar exato dos assuntos, não vemos tais problemas pelo prisma exclusivo das necessidades materiais, uma vez que o ser humano, dentro da concepção espírita, é muito mais do que um indivíduo, e uma pessoa, e pessoa pressupõe a projeção de uma realidade que ultrapassa a dimensão físico-social. Poderíamos figurar, aqui, a representação ascensional do homem através de uma pirâmide: Ciência filosofiá moral arte Partindo de baixo, isto é, da base da Pirâmide, teríamos a ciência, que se atém ao fato mediúnico; em Seguida viria a filosofia, que especula sobre as causas, a origem última do fenômeno; a moral, por sua vez, isto é, a moral do foro íntimo, não a moral variável dos costumes, indicaria o que devemos fazer das aquisições científicas e filosóficas; a arte, que seria O vértice equívoco. A tecnologia resolve muitos problemas (e quem diria o contrário?), remove muitos obstáculos materiais, oferece bem-estar humano etc. etc, mas não pode dar solução aos problemas espirituais, não pode chegar à esfera da consciência no momento em que a criatura humana mais precisa de fé. Não há fórmula matemática, não há traçado geométrico que possa produzir, na alma humana, o efeito renovador e profundo de uma prece, quando sincera, quando a fé realmente é forte e convicta. A época é da máquina - dizem - mas a máquina tem seu lugar determinado no quadro das necessidades humanas, como todos os instrumentos de ação no mundo exterior. Apesar disto, o poder da

tecnologia, com todos os engenhos de que seja capaz, não pode ocupar o lugar da religião, que é do foro íntimo. Religião e tecnologia são duas esferas distintas de realidade e necessidade. Mas existe uma ordem racional de valores: a tecnologia pertence aos valores materiais, que têm sua importância e seu momento, mas a religião pertence aos valores espirituais, não pode ser deslocada de sua categoria.

O Espiritismo veio na hora exata, e nenhuma doutrina soube repor as coisas em seus lugares com mais justeza e maior senso de equilíbrio. A doutrina espírita valoriza o esforço das ciências e das técnicas como fruto da capacidade humana empenhando-se cada vez mais em criar melhores condições de vida terrena; mas a doutrina também afirma o primado espiritual, apesar de tudo isso. Pelo fato de dependermos das técnicas em muitas coisas, não vamos ficar escravizados à máquina, desprezando os valores espirituais, as riquezas da cultura, as belezas da criação artística, que são obras do espírito, e também necessárias à vida; pelo fato de já podermos utilizar certos instrumentos, que nos trazem recursos de sobrevivência na luta constante contra o meio físico, não vamos desprezar a fé nem desdenhar a prece, que é um recurso insubstituível nos momentos mais agudos de nossas experiências.

A Doutrina Espírita, finalmente, não veio formar devotos, não preconiza um tipo de vida puramente mística, assim como não quer que nos entreguemos demasiadamente à oração, esquecendo os deveres ou compromissos de ordem material,

mas a doutrina ensina, ao mesmo tempo, e com acerto, que não nos devemos agarrar demais aos interesses terrenos, porque tudo isso é transitório. Então, no debate entre as duas tendências em choques - a que se inclina mais pela máquina e a que se identifica mais com a fé - o caminho que a doutrina espírita nos aponta é o do meio termo, evitando sempre a inversão da ordem natural das coisas: no momento 'as necessidades materiais, é o instrumental

das ciências e das técnicas que resolve os problemas; no momento das necessidades espirituais, é a fé que sustenta e ilumina. E sem a fé, mas a fé em termos de convicção, não há força interior, por mais poderoso que seja o aparelhamento tecnológico da pirâmide, corresponderia à realização integral. Não se trata de produção artística específica - pintura, escultura, decoração etc. -, mas de arte na acepção implícita de livre realização do homem em si mesmo, independentemente de regras, códigos ou padrões. Já disse alguém, e com muita felicidade, que "a arte é a síntese suprema da vida".

Simultaneamente, no sentido de artes em geral, o Espiritismo também abrange as áreas da criação artística, cujo aprimoramento manifesta o teor de espiritualidade do homem. Em suma, a Doutrina Espírita propugna a espiritualização das artes. Temos aí, sem dúvida, a noção de universalidade do Espiritismo, pois é uma Doutrina que nos oferece lentes capazes de situar e compreender os fenômenos sócio-culturais no tempo e no espaço. Justamente por isso, de quando em quando se nos deparam reflexões e proposições espíritas aparentemente fora de lugar, porque se imiscuem, por exemplo, em problemas de natureza econômica,

política, religiosa, e assim por diante. Aparentemente, nada teria a Doutrina Espírita que dizer, por exemplo, sobre problemas como distribuição de riqueza, inflação, política trabalhista etc., uma vez que cumpre ao Espiritismo cuidar essencialmente da vida extraterrena e, portanto, da parte espiritual do ser humano. Este, realmente, é o aspecto fundamental. Mas a Doutrina Espírita não é um "breviário nem uma tábua de prescrições e regras de fé. Em seu conjunto, inteiramente homogêneo, a Doutrina é um corpo de princípios abrangentes, uma vez que engloba todas as posições do ser humano em relação ao mundo terreno e ao mundo espiritual.

Que é a criatura humana, segundo a concepção espírita? É um espírito encarnado, seja em missão, seja em prova. Se o espírito está em experiência terrena, envolvido nas contingências da condição humana, naturalmente necessita da vida social, no que, aliás, a Doutrina Espírita é claríssima, pois ninguém progride afastado de tudo e de todos. A vida de eremita não combina com a índole de uma doutrina como o Espiritismo. Então, o fato de sermos espíritas não nos isenta de participação e responsabilidade na vida social. Claro que não caberia à Doutrina Espírita sugerir planos de governo ou traçar rumos de política econômica, o que seria verdadeira transposição de seus reais objetivos. Entretanto, a Doutrina não se omite no que diz respeito aos fenômenos sociais e às transições históricas, precisamente por causa do homem, que está no palco dos acontecimentos. E o que propõe a Doutrina Espírita neste sentido? Precisamente uma educação mais profunda, uma educação que oriente o homem para conviver com as



mudanças e com os fenômenos que o desafiam, sem se desgarrar do caminho seguro, sem abandonar os valores éticos de sua formação.

As grandes crises político-sociais geralmente produzem fenômenos de conseqüências imprevisíveis, tanto do ponto de vista material quanto do ponto de vista moral. Não podemos fugir do mundo, como também não podemos evitar os envolvimento de uma conjuntura social, mas podemos resistir a certos arrastamentos. E aí, precisamente, que se faz sentir a influência dos princípios espíritas na educação. Os impulsos de ganância para fazer fortuna a qualquer preço, como acontece nos períodos de inflação ou, por exemplo, durante as combinações políticas que determinam altas montantes de negócios nem sempre aconselháveis, dão margem a muitos saltos de audácia com êxito imediato. Mas a empolgação do "tríunfalismo" econômico corre o risco de uma derrocada irremediável para o espírito, em processo de melhoramento, quando abre mão dos escrúpulos de consciência. Pois bem, a Doutrina Espírita não discute propriamente inflação ou qualquer problema semelhante nem muito menos se adapta à linguagem dos especialistas, mas a verdade é que nos oferece lições de procedimento comedido diante das eclosões inflacionárias e de outros fenômenos perturbadores da ordem sócio-econômica.

Lembraríamos, a propósito, um dos relatórios do Banco do Brasil em 947: "No período de excitação formam empresas, aumentam-se os capitais, criam-se novos bancos e casas bancárias e todos obtêm grandes lucros provenientes da alta de preços que a inflação ocasiona. Uma onda de

prazer e luxo invade o país. Mas, de repente, no auge de esta prosperidade, manifesta-se a depressão, que precede a catástrofe". Já tivemos antes, ~ muito antes, o chamado "encilhamento", no começo da República, isto é, uma onda de negócios e facilidades que abarrotaram a praça, mas causaram muita alteração. Aliás, já se disse que a inflação vinha do Império. E matéria a discutir noutra ângulo. A aparência de riqueza, quando as emissões vultosas abarrotam o país de lançamentos de dinheiro e facilitam todos os tipos de negócios, faz muita gente aumentar surpreendentemente o patrimônio particular e viver de maneira já agora diferente, pois até os hábitos domésticos se modificam com o novo status, como se estivesse criando um mundo de encantos. Quando vem a derrocada financeira, pois é uma fase passageira e cheia de enganos, os que subiram muito nas ambições ficam completamente desarvorados porque não podem mais sustentar a ostentação de um "trem de vida" todo artificial. A prosperidade improvisada, sem base, sem infraestrutura, assim como pode produzir Podemos tirar, de tudo isso, embora apresentado de um modo quase sumário, alguns pontos de referências, começando pelo aspecto histórico. Se é certo que a "História se repete", como a gente ouve dizer desde criança, o que está ocorrendo agora, pelo menos até certo ponto, é uma repetição de velhas discussões filosóficas. As palavras são novas, as motivações são diferentes, a forma de "armar" os dados pode ser mais interessante, porém a problemática é a mesma de outros tempos: o desentendimento entre o objetivo e o subjetivo. Antigamente não se falava

em tecnologia, não se usavam alguns termos correntes na linguagem de hoje, mas a tônica do problema não mudou tanto, como parece. Havia, no passado (sec. XVIII e XIX) uma luta aberta entre a metafísica e o espírito positivo. Também se dizia, já naquele tempo, que era preciso abandonar as indagações de ordem transcendental. O mesmo fosso, o mesmo abismo entre a ciência e a religião. Naquele tempo se falava insistentemente em sobrenatural palavra que já não está mais em circulação, mas também hoje, empregando palavras diferentes, os partidários das soluções objetivas dão muita ênfase ao "espírito positivo" tal qual se propalava no século passado. Temos, aí, "pensamento positivo", raciocínio positivo, "soluções positivas", e assim por diante... E um estado de espírito em tudo e por tudo semelhante àquele que tomou corpo e fez escola na época do Positivismo. Nem tudo é novo, como se pensa.

O espírito positivo do século XIX consistia exatamente em desprezar a experiência interna ou subjetiva e valorizar a experiência externa; tomar interesse pelos fenômenos sensíveis e abandonar os fenômenos da vida interior; procurar conhecer o mundo visível e deixar de lado qualquer indagação acerca do invisível. Em suma, as preocupações do homem deveriam concentrar-se no mundo concreto, isto é, no campo dos sentidos, desprezando qualquer apelo à metafísica, ao sobrenatural, uma vez que a inteligência humana jamais poderia chegar a essa ordem de problemas. E, por isso mesmo, a ciência positiva responderia pelas soluções de maior interesse, ficando a questão da alma, vida futura, destino, existência de Deus, por exemplo, para

o domínio subjetivo, fora da realidade imediata ou exterior.

É o que estamos vendo, hoje, sob outras rubricas. Também se diz, usando palavras diferentes, mas no mesmo sentido, que já não há lugar para as cogitações extraterrenas, visto como o homem atual dispõe de técnicas e instrumentos para resolver seus problemas sem precisar de crença em "poderes espirituais". Há uma indisposição muito forte com a filosofia, tal qual se dava no século XIX, quando os homens de "espírito positivo" falavam em metafísica, como se estivessem falando em pura utopia.

A História da humanidade, toda ela, é cheia de experiências e contradições, sempre com alguns períodos de exaltação e exagero. Já houve um período, e todos sabem, de grande apego à fé, querendo colocar o homem acima da Terra, antes de tempo... Houve um período em que se deu muito valor à experiência material, como se fosse a única via pela qual se chegaria ao caminho da verdade. E houve outro período, também de exagero, senão de loucura coletiva, em que se quis divinizar a razão. O culto da razão chegou a tais proporções que se fez até uma procissão, um espetáculo ridículo, com a "deusa da razão" pelas ruas!... E dizia-se: acabou-se a fé, não se precisa mais de religião, não se tem mais necessidade da crença em Deus, porque a razão, a soberana razão é que vai, agora, guiar o homem. Tudo isso se fez, mas tudo isso passou, não é verdade? São reações periódicas.

É certo que atualmente as coisas não se passam bem assim. Mas que existe uma tendência a hipertrofiar as técnicas e os valores utilitários ou



pragmáticos e abandonar a filosofia, a indagação das causas, não há dúvida alguma. Não falta quem diga que o mundo de hoje não é mais para a filosofia, porque é o mundo da tecnologia. E, por isso, no entender de muita gente, a religião deve ser banida definitivamente, porque só serve para "atrasar" o caminho do progresso... Mas... de que conceito de religião se fala? Naturalmente da forma estática de religião, o ritualismo, o dogmatismo, que sempre se opôs ao raciocínio claro, à investigação, ao progresso. A luta entre o dogma e o espírito científico vem de muito longe. Dogma e ciência realmente são incompatíveis. Mas não é bem de dogma que se trata, no caso da demanda entre a máquina e a fé: o problema está na superposição da tecnologia, alterando a hierarquia natural das categorias humanas. E por quê? Justamente porque se diz que a religião está em falência diante as descobertas científicas e das realizações tecnológicas. O que está em declínio, inevitavelmente, não é a idéia religiosa em si, é o dogma, é a fé cega, é o magister dixit, é o "medo de Deus". Tudo isto ainda é sobrevivência do obscurantismo religioso. E preciso não confundir, entretanto, o formalismo das religiões, o culto puramente material, que não vai nem pode ir à intimidade do ser é preciso não confundir este aspecto - com a necessidade da crença, que é inerente à vida interior e se traduz na procura de apoio divino.

Claro que a religião devocional, a religião da forma e, não, do espírito, terá de ceder lugar necessária e inevitavelmente à evolução, que se há de fazer sentir em tudo: mas não se deve, por causa disto, chegar ao extremo de pretender glorificar a

máquina, como se fosse um valor decisivo, ignorando a supremacia do espírito. E nisto que está o delírio de grandeza, também pode converter-se em monstro devorador (19). A imprevidência e o esbanjamento abrem fendas irremediáveis tanto no orçamento público quanto no orçamento pessoal, como já se observou muitas e muitas vezes. E, daí, a repercussão na própria vida familiar, com problemas emocionais que podem até culminar com a desagregação do lar. O desmoronamento econômico depois de um período de exagero e abuso de prazer, agride até o equilíbrio psíquico. Por isso mesmo, o fim prático da educação, à luz do pensamento espírita é prevenir, isto é, preparar o homem para enfrentar os fenômenos de sua época sem se iludir com empreendimentos comprometedores. Recorramos mais uma vez a Allan Kardec:

"Os males mais numerosos são os que o homem cria pelos seus vícios, os que provêm de seu orgulho, seu egoísmo, sua ambição, sua cupidez, seus excessos em tudo. Aí a causa das guerras e das calamidades que estas arrastam, das dissensões, das injustiças, da opressão do fraco pelo forte, da maior parte, afinal, das enfermidades". (A Gênese - cap.III)

Também as enfermidades, como adianta o Codificador da Doutrina Espírita. As ambições desmedidas, a inquietação constante, o despeito recalcado e as emoções violentas não serão porventura responsáveis por muitos casos de neuroses?... O fato econômico tem relação com o fato moral, não pela natureza de um e do outro, mas pelas conseqüências, o que, aliás, já foi objeto de comentários em capítulo anterior. Ao estudar, por

exemplo, a Reforma protestante, sob um ponto de vista mais terreno, Max Weber concluiu que o movimento chefiado por Martinho Lutero teve influência bem relevante na ordem econômica, apesar de inspirado em razões espirituais ou religiosas. Max Weber estabelece até vinculação do capitalismo ao Protestantismo. Sua teoria foi muito discutida, tanto quanto aplaudida, embora se atribua mais motivação econômica à corrente calvinista, diferente da corrente luterana, pois Calvino feriu logo o problema da usura. Em defesa da ligação capitalismo-reformismo, argumenta-se que a Reforma protestante esposou a concepção individualista, já em estado de fermentação no século XVI, visto como os reformadores esposavam concepções do liberalismo, o livre exame da Bíblia etc. A ética econômica do calvinismo sustentava, entre outros pontos, que nenhuma profissão podia ter primazia sobre as outras.

Em longo e criterioso estudo sobre os efeitos econômicos da Reforma, disse o Professor e historiador José Honório Rodrigues:

"A base dessa teoria calvinista era tirada daquela epístola de 5. Paulo aos Coríntios acerca da diversidade dos dons espirituais, na qual se diz que a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil, porque a uns é dada a palavra da sabedoria, a outro, a palavra da ciência, a outros a da fé, a outros o dom de curar, a outros a operação de maravilhas, a outros o dom de discernir os espíritos, a outros a diversidade de línguas, a outros a interpretação das línguas." (Digesto Econômico dez. 1.946)

A associação do fenômeno capitalista ao fenômeno religioso deu muita

relevância à obra de Weber,⁽²⁰⁾ apesar das críticas. Embora "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo" tenha sido mais divulgada, ao que parece, suas incursões na vida religiosa, de um modo geral, se desenvolveram muito em "Sociologia da Religião", onde há confrontos bem significativos com o Judaísmo, Islamismo, Catolicismo e assim por diante. Ainda a respeito do Calvinismo, diz ele: "Um dos mais notáveis efeitos econômicos do Calvinismo foi a destruição das tradicionais formas de caridade. Primeiro, eliminou a distribuição indiscriminada de esmolas. Bastaria dizer que o primeiro passo para a sistematização da caridade foi dado com a introdução de regras fixadas para a distribuição da renda dos bispos na antiga Igreja medieval e com a instituição de um hospital, no mesmo modo como fora racionalizada a sistematizada ao contribuição para os pobres dos Islame." Enfim, Max Weber examina o procedimento dos grupos religiosos em diversos ângulos, suas prescrições, idéias de salvação, normas de trabalho etc. dentro dos quadros histórico-sociais em que elas exercem influência. Entretanto a conotação específica do Protestantismo com o Capitalismo, com a idéia de uma relação de causa e efeito, não teve nem poderia ter repercussão pacífica, conquanto tivesse feito adeptos. Echevarria, no prefácio de "Economia e Sociedade" (Edição Fondo de Cultura México) dá a entender que Weber não responsabilizou o Protestantismo pela formação do sistema capitalista. Teria havido então uma deturpação da tese weberiana? Admitamos que não se trate rigorosamente de



"responsabilidade", pois o termo está um tanto forte, mas é inegável que Max Weber associou os dois movimentos. Como, porém, o Autor já não pertencia a este mundo quando seus escritos começaram a ser divulgados e comentados, podemos admitir que as idéias fundamentais tivessem sido modificadas. J. Wash, em "Sociologia de la Religion" - Ed. Fondo de Cultura faz ressalva à tese de Weber, mas diz que ele "deixou muito por fazer".

Embora haja outros critérios na interpretação da tese que vincula o sistema capitalista ao Protestantismo, temos a impressão de que um dos elementos de análise deve ser a distribuição geográfica, sem excluir o Catolicismo com a sua ampla organização econômica, pois o Protestantismo e o Judaísmo sempre se expandiram em países de tradição capitalista, como a Inglaterra, Holanda e os Estados Unidos, por exemplo. Os principais núcleos populacionais dos Estados Unidos são oriundos da Inglaterra, com a predominância dos puritanos. E a libra inglesa tinha muito peso no mundo antigo. Por este caminho talvez seja compreensível, até certo ponto, a relação do Protestantismo com o poder capitalista que se formou em determinados países. Uma relação de coincidência histórica, não propriamente uma relação intencional. O Protestantismo originou-se de uma luta de fé, não saiu, portanto, de nenhuma conjuntura mercantilista. Mas a tese de Weber ficou aberta ao debate. Pode ser até que haja necessidade, hoje, de uma revisão em profundidade.

Quanto a nós, justamente pelo fato de estarmos fazendo considerações apoiadas em elucidações espíritas, naturalmente não podemos deter o

nosso raciocínio por muito tempo neste tipo de discussão, pois quisemos apenas indicar a tese de Weber como ponto de referência em matéria econômica. Talvez por ter dado mais força à iniciativa individual, estimulando o livre exame, como já foi dito, e repelindo imposições conciliares ou de colegiados, tenha alguma coisa que lembre o individualismo capitalista, com todas as características de sua época. Mas é difícil precisar objetivamente um dado concreto pelo qual se possa dizer que o Protestantismo gerou o Capitalismo ou vice-versa.

Do ponto de vista ético, fora das conjecturas sobre o Protestantismo e suas ligações com o desenvolvimento capitalista, já dissemos, tanto quanto nos fora possível, que a economia deve ser informada pela ética, embora pertençam a duas ordens de valores muito diferentes. É a visão espírita, não é demais repetir. A experiência prova que o desenvolvimento econômico e tecnológico sem compromisso com a ordem moral transforma-se em ameaça ao próprio homem, cada vez mais reduzido à condição de simples instrumento de produção. Por isso mesmo, permitimo-nos reproduzir aqui o que escrevemos, a propósito, sob o título "A Máquina e a Fé":

O suplemento dominical do "Jornal do Brasil" de 30 de abril -de maio último fez uma síntese, cujas tendências refletem, realmente, a situação atual do mundo: Artur Clarke e Allan Watts. O comentarista apresenta logo duas afirmações categóricas, como que marcando, ou demarcando claramente, duas direções de pensamento. De Artur Clarke: Só as máquinas poderão salvar-nos. De Allan Watts: A religião nos livrará do

absurdo. Estão, aí, como se vê, duas opiniões divorciadas, duas linhas ideológicas inteiramente desencontradas. Os autores, cada qual com um ângulo próprio de observação, tiveram um encontro em N. York, discutiram demoradamente a situação do homem no mundo de hoje e, por fim, seguiram rumos diferentes por não ser possível conciliar as posições. Certamente não conseguiram encontrar um denominador comum entre o pragmatismo da técnica e a transcendência da religião.

Clarke acredita na tecnologia como solução única dos problemas do homem. Watts acredita na religião como força interior. Segundo o resumo feito pelo comentarista do jornal, Clarke não vê, por exemplo, como a religião, sendo basicamente dogmática e anticientífica, possa ajudar a humanidade". Justamente por isso, entende ele que não devemos perder tempo com indagações metafísicas... O mundo atual éo mundo da tecnologia, a hora é da máquina, não é da oração. Mas o outro, que vê as coisas pelo prisma religioso pensa, de um modo diametralmente oposto. Diz Watts: "Só a religião será capaz de revolucionar a educação, tornando-a verdadeiramente livre". Disto se deduz que a libertação do homem está na

religião, não está nas técnicas. Diz ele, ainda mais: "Rejeito a tecnologia, como a vê Clarke, e como a vêem muitos cientistas, porque o seu fim último é o controle. Sendo um religioso, nada quero controlar, mas apenas compreender. Prefiro a sabedoria ao poder proporcionado pela técnica, pois esse poder é ilusório. Quanto mais possuímos, mqs queremos. E como tentar matar a sede com água do mar. A religião aplaca a sede, inclusive a sede adolescente de perguntar". E por aí vai. Claro que estamos fazendo a transcrição extraída simplesmente dos comentários jornalísticos, que são um resumo do diálogo entre os autores discordantes.

Na opinião de Clarke, o poder das técnicas é que vai decidir o destino do homem, mas Watts, como já vimos, considera esse poder ilusório. Temos, aí, dois valores que se defrontam: o tecnológico e o místico. Em palavras mais simples: a máquina e a fé. Dois pólos de espírito irreconciliáveis no diálogo: a predominância dos valores objetivos, com Clarke, porque acredita mais na tecnologia; a predominância dos valores subjetivos, com Watts, porque confia mais na força da religião.

FONTE
O ESPIRITISMO E OS PROBLEMAS HUMANOS, por
Deolindo Amorim, ed. U.S.E.



SENTIMENTO DE CULPA

Emmanuel prefaciando o livro “Missionários da Luz”, ditado pelo Espírito André Luiz, através de Francisco Cândido Xavier, nos ensina e alerta: - “Ao Espiritismo cristão cabe, atualmente, no mundo, grandiosa e sublime tarefa. Não basta definir-lhe as características veneráveis de Consolador da Humanidade, é preciso também revelar-lhe a feição de movimento libertador de consciências e corações”.

O caráter consolador surge quando, diante de nossos sofrimentos e aflições, dúvidas e questionamentos, perturbações e desequilíbrios, expectativas e anseios, medos e inseguranças, compreendemos de maneira efetivamente prática, com coerência, clareza e lógica, os ensinamentos estruturados nos princípios da Doutrina Espírita e nas Leis Morais, sábias e perfeitas, Código Divino de conduta, ratificado e exemplificado pelo Mestre Jesus.

O caráter libertador surge quando compreendemos nossa realidade espiritual, nossa consciência como Espírito Eterno, criado na condição “simples e ignorante”, para alcançar a “angelitude”, cujo modelo e guia é Jesus, através do esforço pessoal e intrasferível, impelindo-nos a nos desvencilharmos, gradativamente, dos liames das imperfeições que ainda nos retém na esfera da inferioridade. Com base neste enfoque, a presente abordagem visa discutir como se processa o mecanismo de culpa, no contexto da vida, e como podemos utilizar o caráter consolador e libertador que cabe ao Espiritismo.

1. Comportamento do Espírito

Como ponto de partida, optou-se por iniciar abordando e buscando entender como se processa o comportamento do Espírito diante do contexto da vida, ou seja, como age ou reage diante das circunstâncias da vida.

Para tal, consideramos que estamos submetidos a influências incessantes e contínuas do mundo exterior, composto pelo mundo físico e espiritual, sobre nossa individualidade ou nosso mundo interior se assim podemos adotar. Estas influências se traduzem por estímulos que nos alcançam das mais diversas formas, sejam visuais, verbais, mentais, auditivos, por gestos ou expressão corporal, etc.

Estes estímulos de alguma forma interagem com o nosso interior e podem repercutir basicamente de três maneiras diferentes: causam “bem estar”, ou “mal estar” ou ainda não causam aparentemente nenhum estado interior e podem ser considerados neutros. Algumas repercussões de “bem estar”: alegria, satisfação, otimismo, calma, tranqüilidade, serenidade, confiança, segurança, fortalecimento, equilíbrio, esperança, felicidade, harmonia, conformação, animo, capacidade de realizar, amizade, compreensão, coragem, cooperação, dedicação, fraternidade, generosidade, gratidão, solidariedade, entre outros. Algumas repercussões de “mal estar”: angustia, agonia, tristeza, desânimo, desalento, preocupação, insegurança, nervosismo, depressão, impotência, nervosismo, cólera, ira, intransigência, vingança, inquietude, insatisfação, ansiedade,



desequilíbrio, remorso, intemperança, abatimento, prostração, repulsa, aflição, desgosto, magoa, pesar, agitação, amargura, desprezo, inconformação, indiferença, omissão, agressividade, má vontade, desamor, desespero, irritação, medo, desesperança, desconfiança, maldade, crueldade, pessimismo, entre outros. Estas repercussões na realidade são efeitos dos estímulos exteriores em interação com o nosso eu interior. Quando nos referimos ao nosso “eu interior” é no que diz respeito ao que somos realmente, como Espíritos, a nossa escala de valores, as nossas virtudes e defeitos sob a ação contínua, predominante e inequívoca, do nosso estado mental, que pode variar em cada momento conforme a intenção consciente ou inconsciente de nosso Espírito. Desta forma, o estímulo exterior vai encontrar eco e vai interagir em nosso interior diretamente em nossa escala de valores e em nossos defeitos e virtudes, assistido e influenciado, indelevelmente, pelo nosso estado mental. Se fôssemos Jesus, como Espírito Puro, qualquer estímulo exterior iria sempre encontrar em nosso interior somente virtudes num estado mental sempre elevado e, portanto, nossas ações sempre seriam de total atendimento e coerência com as Leis Divinas. E é o resultado deste mecanismo, elaborado em nosso interior, que vai originar nossas ações ou reações a cada momento, devolvendo ao mundo exterior, segundo aquilo que nosso Espírito, ou seja, nós mesmos, conscientemente ou inconscientemente processamos. E assim fica estabelecido o mecanismo ou ciclo constante de interação entre o mundo exterior e nós. Isto ratifica o

que Emmanuel nos ensina “que em todos os domínios do Universo vibra, pois, a influência recíproca. Tudo se desloca e renova sob os princípios da interdependência e repercussão.” (Pensamento e Vida – cap.1)

Objetivando exemplificar, tomemos um caso prático da vida:

Acordamos bem, e vamos nos encaminhar logo cedo ao trabalho de carro. No trânsito, nos deparamos com um cidadão que comete um erro grave ao conduzir seu veículo e quase causa um dano efetivo em nosso veículo se não fosse nossa atenção no momento. Nosso impulso automático é reagir, pois ainda é nosso defeito o orgulho, e como orgulhosos não podemos suportar tal acontecimento sem reação agressiva a fim de manter nossa condição de superioridade...afinal foi “ele” quem errou..., entretanto, já temos em nossa escala de valores a realidade da vida e sabemos que temos que combater nossos defeitos, entre eles, notadamente o egoísmo e o orgulho, e predominantemente estamos num começo de dia aonde o nosso estado mental é de equilíbrio e portanto favorável ao raciocínio ou ao uso da razão. E antes de reagirmos automaticamente como era inicialmente previsto, conseguimos refrear nosso impulso, e modificamos nossa atitude e aí agimos de forma cristã, mesmo que em pensamento e sentimento, desculpando o infrator e ainda desejando que ele realmente possa ser envolvido pelos amigos espirituais para ser auxiliado. Estímulo exterior = situação criada pelo condutor do outro veículo
Repercussão inicial = mal estar = nervosismo, vingança, cólera, agressividade
Defeitos e Virtudes = potencial para agir correto ou reagir



de forma incorreta Escala de valores interior = potencial para agir de forma correta Estado mental = equilíbrio, tranqüilidade, favorável ao raciocínio. Resultado final = ação elaborada e de forma correta Vamos nos reportar a esta mesma situação, apenas alterando a qualidade do nosso estado mental no instante do acontecimento. Fica claro e notório que nesta condição iria prevalecer o nosso impulso, nossa reação automática com conseqüências talvez danosas à frente de um fato corriqueiro da vida. Tínhamos potencial interior para agir diferente, de forma raciocinada e equilibrada, mas devido ao nosso estado mental no momento, reagimos de forma inadequada. Assim, teríamos:

Estímulo exterior = situação criada pelo condutor do outro veículo
Repercussão inicial = mal estar = nervosismo, vingança, cólera, agressividade
Defeitos e Virtudes = potencial para agir correto ou reagir de forma incorreta Escala de valores interior = potencial para agir de forma correta Estado mental = desequilíbrio, intranqüilidade, desfavorável ao raciocínio.

Resultado final = reação automática e de forma incorreta e inadequada. Poderíamos ainda também ter uma outra situação:

Estímulo exterior = situação criada pelo condutor do outro veículo
Repercussão inicial = mal estar = nervosismo, vingança, cólera, agressividade
Defeitos e Virtudes = ainda não há elementos desenvolvidos para poder agir correto Escala de valores interior = ainda não há elementos para agir de forma correta Estado mental = equilíbrio, tranqüilidade, favorável ao raciocínio. Resultado final = reação automática e

de forma incorreta

Se o estado mental ainda fosse de desequilíbrio, poder-se-ia esperar reações efetivamente piores. Podemos fazer este exercício para qualquer situação de nossa vida, avaliando o contexto do que fizemos ou do que poderíamos ter feito. Este exercício com a continuidade e o tempo, vai nos levar ao nosso auto-conhecimento, permitindo educarmos nos como Espíritos que priorizam sua ascensão espiritual.

De forma esquemática, representamos:

+ estímulos - Assim, temos o ciclo de interação recíproca, entre o "Eu e o Mundo Exterior", em que cada ação ou reação nossa, seja positiva/bem ou negativa/mal, estabelecerá naturalmente as conseqüências correspondentes segundo a Lei de causa e efeito.

2. Manifestação do Espírito através do cérebro (físico e perispiritual)
Conforme esclarecimentos do Espírito Calderaro, no livro No Mundo Maior – cap 2 e 3, podemos sintetizar a forma de utilização do Espírito para se manifestar utilizando o cérebro:

Diante deste quadro, podemos associar o comportamento do Espírito com a maneira de se manifestar através do cérebro, uma vez que:

a) Nosso histórico espiritual, acumulando todas nossas experiências e vivências, caracterizando o que somos na atualidade, em nossa escala de valores, em nossos defeitos e virtudes, está associado ao nosso inconsciente, traduzindo o automatismo, os impulsos automáticos que se caracterizam por surgirem sem a nossa mínima participação consciente ou raciocinada e que afloram de forma



condicionada, dependendo do estímulo exterior e a repercussão em nosso interior. Sobressai daí que nossas reações espontâneas são impensadas, e como ainda, em nosso estágio evolutivo atual, predomina a imperfeição em nosso ser, via de regra, nossas reações automáticas são revestidas de inferioridade e por isso associamos a reações negativas ou instintivas.

Entretanto, é evidente que também podemos ter espontaneidade em nossas ações corretas, uma vez que em algum instante do passado, já conseguimos conquistar determinada virtude, pelo esforço próprio. O automatismo neste caso também se faz, mas como fruto de um trabalho anterior de superação de determinado defeito. b) No presente, no momento atual, o Espírito utiliza o córtex cerebral, caracterizando a possibilidade das conquistas atuais, aonde podemos efetivamente agir, através do esforço e vontade, usufruindo das experiências atuais bem como de todo aprendizado que trazemos em nosso histórico. É no presente que podemos realizar e executar. É no presente que podemos trabalhar efetivamente. É no presente que podemos raciocinar e discernir sobre nossas ações, pensamentos e sentimentos. É no presente que podemos refrear nossos impulsos automáticos para criar novo comportamento, objetivando nosso crescimento espiritual.

c) É no superconsciente que está centralizado o nosso ideal superior, as noções nobres de elevação, caracterizando o futuro e, portanto, o nosso direcionamento para a Angelitude. Desta forma, é possível usufruir de momentos presentes em que nosso pensamento se situa nesta

região do cérebro, permitindo fortalecer nossas posições nas lutas com o nosso Eu ainda inferior, permitindo uma sintonia com a espiritualidade maior, auxiliando nosso desenvolvimento no presente, influenciando assim nossas ações.

Podemos, então, estabelecer as seguintes associações:

- Nossas ações racionais/pensadas com o consciente e o superconsciente.

- Nossas reações automáticas, por impulsos automáticos com o inconsciente ou subconsciente.

- Não necessariamente o que é raciocinado é o que conduz a melhor ação, uma vez que vai depender da escala de valores e das virtudes/defeitos, em outras palavras do grau evolutivo.

- Não necessariamente o que é impulso automático é o que conduz a pior reação, pois vai depender do grau evolutivo.

3. Conseqüências da ação ou reação
Como é de conhecimento, a Lei de ação e reação ou causa e efeito é indicador marcante da Justiça Divina, que é perfeita, sabia e justa.

Desta forma, todas as ações ou reações que foram corretas, que estiveram atendendo as Leis Divinas, que caracterizam o “bem”, naturalmente deverão originar conseqüências benéficas para o seu autor bem como para aqueles que estiverem beneficiados no contexto de tal ação/reação de conduta e comportamento.

Da mesma forma, todas as ações ou reações que forem incorretas, inadequadas, que não atenderem as Leis Divinas, caracterizando assim o “mal”, naturalmente irão originar conseqüências negativas para seu autor bem como prejudicando



aqueles que estiverem envolvidos no contexto de tal ação/reação de conduta e comportamento.

Lembremos que somos responsáveis por todo o bem que deixarmos de fazer, por todo mal que fizemos e por todo mal conseqüente e devido ao bem que deixamos de fazer. E esta responsabilidade está diretamente correlacionada com o nosso grau de conhecimento.

Vamos nos deter particularmente neste segundo caso, onde as conseqüências são negativas e para tal, utilizemos o seguinte esquema:

Quando agimos ou reagimos de forma indevida cometendo erros, falhas, deixando de cumprir nossos deveres, naturalmente, por conseqüência colhemos aflições, tribulações, problemas que caracterizam sofrimento em grau diverso de intensidade, correspondente à gravidade do erro e ao nosso conhecimento no momento deste erro. Podemos assim, compreender melhor o que significa causa anterior das aflições (passado) e causa atual das aflições (vida atual), conforme consta no Evangelho segundo o Espiritismo – cap V. e cap.III – itens 13 a 18.

Na condição de erro, pela Lei de Justiça Divina, sofremos as conseqüências devidas, caracterizando o que se chama de expiação. A expiação ocorre para ser possível resgatar e apagar nossos erros e faltas. É como numa contabilidade, onde necessariamente deveremos quitar nossos débitos.

Prova é a condição de teste, é a oportunidade de exercitar-se para o aprendizado, é a oportunidade de provar que aprendeu, que progrediu no aspecto em referência.

Daí resultam as seguintes conclusões:
- A expiação serve sempre de prova, e

poderá ser aproveitada ou não como prova, dependendo de nossa postura diante da expiação. Se aceitarmos com resignação e valorizamos a prova para torna-la significativa em aprendizagem ou se reclamarmos, queixarmo-nos, blasfemarmos e revoltarmo-nos contra Deus e contra tudo, desperdiçando a oportunidade da prova, restando somente a expiação com agravamentos pela inconformação e revolta, até que nova postura seja adotada. - O sofrimento não necessariamente é indicio de uma falta e, portanto, uma expiação. Pode ser uma prova escolhida pelo Espírito para acelerar o seu adiantamento e progresso. Muitos missionários estão envolvidos neste tipo de processo. - Aquele que bem suporta, sem reclamar ou blasfemar, pode até ser expiação, mas tudo indica que é uma escolha voluntária, portanto, uma prova de firme resolução.

- Nas provas e expiações há sempre sinal de inferioridade, pois quem é perfeito não precisa expiar ou ser provado.

4. Sentimento de culpa

Após todas estas considerações, poderemos compreender melhor como surge o sentimento de culpa, suas conseqüências e como poderemos nos posicionar diante das circunstâncias da vida aonde há sua presença, objetivando tirarmos proveito da oportunidade para aprendizado.

Somos filhos do mesmo Pai Amantíssimo, trazendo a essência divina em nosso interior. Esta essência se traduz pelo gérmen de perfeição que fatalmente irá aflorar um dia, pelo esforço próprio através das múltiplas vivências e experiências ao longo de nossa



trajetória evolutiva. À medida que vamos caminhando, nossas potencias de Espírito vão sendo desenvolvidas, tais quais a sabedoria (conhecimento), o amor (bondade) e a vontade, mola propulsora a nos movimentar sempre. Sendo assim, vamos através do livre arbítrio, alterando nossa escala de valores, condicionando nossas virtudes e defeitos, aprendendo a vivenciar estados mentais diferenciados, sempre objetivando, mesmo que inconscientemente, alcançar a nossa perfeição. A Sabedoria Divina permitiu assim que através desta essência divina, o nosso Espírito tivesse uma verdadeira sentinela vigilante a nos orientar incessantemente, que costumeiramente denominamos “nossa consciência”, ou “voz da consciência”.

A nossa consciência sempre está vinculada à nossa escala de valores, ao que julgamos certo/errado, bem/mal, fruto do nosso grau evolutivo. Estes são os parâmetros que nossa consciência utiliza para nos alertar e nos orientar. Como o nosso progresso é contínuo, da mesma forma, as posições que nossa consciência adota também são dinâmicas e sempre correspondentes àquilo que já desenvolvemos.

“...O dever íntimo do homem está entregue ao seu livre arbítrio: o agulhão da consciência, esse guardião da probidade, o adverte e sustenta, mas ele se mostra freqüentemente impotente diante dos sofismas da paixão”. (Evangelho – capXVII – 7)

Vejam, então, como esta consciência trabalha em termos práticos:

E a vida continua

Quando cometemos um erro, uma

falta ou não cumprimos com nossos deveres, segundo os referenciais que já desenvolvemos em nosso Eu interior (nosso Espírito), nossa consciência nos dá um sinal, um alarme, um aviso, notificando-nos que estamos em desacordo com estes referenciais e sendo assim, estamos em divergência de conduta real/conduta possível.

Normalmente, devido a nossa imperfeição, não estamos atentos o necessário para identificarmos estes sinais ou alertas, e na maioria das vezes ignoramos, não valorizamos, não escutamos, não reconhecemos, desprezamos, fugimos às vezes intencionalmente, direcionamos nossa atenção para outras alternativas, nos esquivamos entre outras atitudes que não levem em consideração esta “voz da consciência”. E assim, de erro em erro, vamos levando a vida, esquivando-se dos sinais, às vezes com facilidade outras vezes com mais dificuldade, mas, parece que esta voz vai ganhando espaço e força dentro de nós.

Num determinado contexto, num determinado instante da vida, em algum aspecto associado talvez às reincidências sucessivas nos mesmos erros, às reincidências dos momentos de sofrimento, ao surgimento de alguma falha do passado que passa a ter presença constante em nosso quadro mental, o sinal ou alerta passa a encontrar eco dentro de nós, passa a repercutir de maneira efetiva, ganhando valor e significado.

E aos poucos a intensidade desta consciência vai ficando muito desconfortável, e cada vez mais se torna difícil de fugir ou esquivar-se, gerando verdadeiro conflito, via de



regra, associado a sofrimento efetivo, e surge, então, o sentimento de culpa. O sentimento de culpa se caracteriza por um ciclo vicioso mental, que induz a uma estagnação, onde não conseguimos nos desvencilhar, conduzindo-nos a autopunição, e nem sempre identificamos o erro ou o ponto divergente e nos perdemos em desequilíbrio, surgindo também a autopiedade pelo sofrimento presente. Naturalmente, decorrem processos negativos, tais quais a depressão, angústia, tristeza, desânimo, abatimento, isolamento, agressividade, entre outros, caminhando para a obsessão e seus distúrbios psicossomáticos.

O sentimento de culpa pode se apresentar de maneira diversa e uma mesma pessoa pode apresentar vários complexos de culpa, inclusive ao mesmo tempo, associados a causas diferentes, entretanto, o mecanismo é o mesmo, apenas que há um acúmulo de conseqüências e suas dificuldades inerentes.

“O sentimento de culpa é sempre um colapso da consciência e, através dele, sombrias forças se insinuam...” (Entre a terra e o Céu – André Luiz – cap. III – pg 20)

“O deslize do Espírito no mal implica fatalmente na diminuição de liberdade. Os pensamentos e os atos criam em torno da alma culpada, uma sombria atmosfera fluídica que se condensa pouco a pouco, vai se contraindo e a encerra como numa prisão”. (No invisível - Leon Denis – pg 124) “A sombra é geratriz de equívocos como o erro é matriz de tormentos íntimos naquele que o pratica. A punição mais severa, portanto, para o transviado, é o despertar da consciência, hoje ou amanhã”. (Florações Evangélicas - Joanna de Angelis – pg 50)

“...Pobre amigo! Permanece impressionado com a morte de Júlio, conservando aflitivo complexo de culpa. Tem o pensamento ligado ao pequenino morto, à maneira de uma imagem fixada na chapa fotográfica. Passou o dia acamado em extrema perturbação...O auxílio dessa natureza (passes) ampara-lhe as forças, mas não resolve o problema. Silva deve ser atingido na mente, a fim de melhorar-se. Requisita idéias renovadoras...” (Entre a Terra e o Céu – André Luiz - cap. XXXIV – pg 225) “Naquele que nem sequer concebe a idéia do mal, já há progresso realizado; naquele a quem esta idéia acode, mas que a repele, há progresso em vias de realizar-se; naquele, finalmente, que pensa no mal e nesse pensamento se compraz, o mal ainda existe na plenitude de sua força. Num o trabalho está feito; no outro, está por fazer-se. Deus que é justo, leva em conta todas essas gradações na responsabilidade dos atos e dos pensamentos do homem”. (Evangelho - Allan Kardec – cap 8 – item 7)

“A culpa, por enquanto, é um fantasma interior que nos persegue em todos os ângulos do mundo, sob as mais variadas formas. Recordemo-nos de que no estágio evolutivo em que nos achamos ninguém existe sem débitos a resgatar. No entanto, não nos detenhamos na culpa. Usemos a caridade recíproca, e, com a liberdade relativa de que dispomos, ser-nos-á então possível edificar com Jesus, o nosso iluminado amanhã”. (Nós – Emmanuel – cap. 11)

“A morte ser-te-á entre os homens um fator de aparente liquidação de todos os débitos. Tuas contas e ofensas parecerão desculpadas pelos irmãos



do caminho, no entanto, não por ti mesmo, que lhes carrearás a sombra, onde fores, como alguém que amarra fardos de lodo e cinza ao imo do próprio ser". (Irmão – Emmanuel – cap14)

"...Perdemos o carro fisiológico, mas prosseguimos atados ao pelourinho invisível de nossas culpas; e a culpa, meu amigo, é sempre uma nesga de sombra eclipsando-nos a visão. Nossas faculdades mnemônicas, relativamente às nossas quedas morais, assemelham-se, de certo modo, às conhecidas chapas fotográficas, as quais, se não forem convenientemente protegidas, sempre se inutilizam."(Ação e Reação – André Luiz – cap.2 – pg 31)

"Quando fugimos ao dever, precipitamo-nos no sentimento de culpa, do qual se origina o remorso, com múltiplas manifestações, impondo-nos brechas de sombra aos tecidos sutis da alma. E o arrependimento, incessantemente fortalecido pelos reflexos de nossa lembrança amarga, transforma-se num abscesso mental, envenenando-nos, pouco a pouco, e expelindo, em torno, a corrente miasmática de nossa vida íntima, intoxicando o hausto espiritual de quem nos desfruta o convívio. A feição do ímã, que possui campo magnético específico, toda criatura traz consigo o halo ou aura de forças criativas ou destrutivas que lhe marca a índole, no feixe de raios invisíveis que arroja de si mesma. É por esse halo que estabelecemos as nossas ligações de natureza invisível nos domínios da afinidade. Operando a onda mental em regime de circuito, por ela incorporamos, quando moralmente desalentados, os princípios corrosivos que emanam de todas as Inteligências, encarnadas ou

desencarnadas, que se entrossem conosco no âmbito de nossa atividade e influência. Projetando as energias dilacerantes de nosso próprio desgosto, ante a culpa que adquirimos, quase sempre somos subitamente visitados por silenciosa argumentação interior que nos converte o pesar, inicialmente alimentado contra nós mesmos, em mágoa e irritação contra os outros. É que os reflexos de nossa defecção, a torvelinharem junto de nós, assimilam, de imediato, as indisposições alheias, carregando para a acústica de nossa alma todas as mensagens inarticuladas de revolta e desânimo, angústia e desespero que vagueiam na atmosfera psíquica em que respiramos, metamorfoseando-nos em autênticos rebeldes sociais, famintos de insulamento ou de escândalo, nos quais possamos dar pasto à imaginação virulada pelas mórbidas sensações de nossas próprias culpas. É nesse estado negativo que, martelados pelas vibrações de sentimentos e pensamentos doentios, atingimos o desequilíbrio parcial ou total da harmonia orgânica, enredando corpo e alma nas teias da enfermidade, com a mais complicada diagnose da patologia clássica. A noção de culpa, com todo o séquito das perturbações que lhe são conseqüentes, agirá com os seus reflexos incessantes sobre a região do corpo ou da alma que corresponda ao tema do remorso de que sejamos portadores. Toda deserção do dever a cumprir traz consigo o arrependimento que, alentado no espírito, se faz acompanhar de resultantes atroz, exigindo, por vezes, demoradas existências de reaprendizado e restauração. Cair em culpa demanda,



por isso mesmo, humildade viva para o reajustamento tão imediato quanto possível de nosso equilíbrio vibratório, se não desejamos o ingresso inquietante na escola das longas reparações. É por essa razão que Jesus, não apenas como Mestre Divino mas também como Sábio Médico, nos aconselhou a reconciliação com os nossos adversários, enquanto nos achamos a caminho com eles, ensinando-nos a encontrar a verdadeira felicidade sobre o alicerce do amor puro e do perdão sem limites.” (Pensamento e Vida – cap.22 – Emmanuel)

5. Remorso

À medida que o sentimento de culpa vai se fixando cada vez mais, surge o remorso que consiste ainda na viciação mental, mantendo a estagnação, num remoer constante de idéias sem que haja qualquer admissão consciente do erro feito ou qualquer pensamento ou sentimento real de arrependimento, em querer reverter ou modificar a situação.

O ônus do sofrimento é acrescido pelo remorso, intensificando o desequilíbrio e suas conseqüências, favorecendo a instalação de processos obsessivos.

A característica da expiação, que surge desde o momento do erro, independente da época em que ocorreu, mesmo que de maneira insipiente ou imperceptível, vai aos poucos ganhando intensidade e chega ao seu ponto máximo relativo no remorso.

O estado criado pelo remorso permanecerá tanto tempo quanto for mantido e alimentado pelo próprio Espírito envolvido. É necessário quebrar o ciclo vicioso mental que o auto-perdão, auto-aceitação, a auto-

estima também podem proporcionar. Algo tem que acontecer no sentido de movimentação, de ação real. “...O remorso é uma força que nos algema à retarguarda”. (Entre a Terra e o Céu – André Luiz – cap. XXXIV - pg 220)

“...Nunca! O remorso é um monstro invisível que alimenta as labaredas da culpa...A consciência não dorme...”.(Entre a Terra e o Céu – André Luiz – cap.XIV – pg86)

“...Zulmira, pelo remorso destrutivo, tombou no mesmo nível emocional de Odila e ambas se digladiam, num conflito de morte, inacessível aos olhos humanos comuns...”. (Entre a terra e o Céu – André Luiz – cap.III – pg 20)

“... Fantini foi o homicida e desde o fatal instante ficou preso pelo sentimento de culpa e pelo remorso, que permanecia mesmo após o seu desencarne...”. (E a vida continua – Andre Luiz – cap.11 – pg 89)

“O remorso é a força que prepara o arrependimento, como este é a energia que procede ao esforço regenerador. Choque espiritual as características profundas, o remorso é o interstício para a luz, através do qual recebe o homem a cooperação direta de seus amigos do invisível, a fim de retificar seus desvios e renovar seus valores maiores, na jornada para Deus”. (Consolador - Emmanuel – q.182) “O remorso é o lampejo de Deus sobre o complexo de culpa que se expressa por enfermidade da consciência. O sofrimento é a terapia destinada a erradicá-la”. (Emmanuel) “Agradece os encargos que a vida te confia, procurando cumprí-los alegremente.

Alguns centímetros de remorso pesam no coração muito mais que uma tonelada de sacrifícios.” (Emmanuel)



“O remorso é uma benção, sem duvida, por levar-nos à corrigenda, mas também é uma brecha, através do qual o credor se insinua, cobrando pagamento. A dureza coagula-nos a sensibilidade durante certo tempo; todavia, sempre chega um minuto em que o remorso nos descerra a vida mental aos choques de retorno as nossas próprias emissões”. (Libertação – André Luiz – cap.V - Pg 72)

“...A recordação dessa ou daquela falta grave, mormente daquelas que jazem recalçadas no Espírito, sem que o desabafo e a corrigenda funcionem como válvula de alívio às chagas ocultas do arrependimento, cria na mente um estado anômalo que podemos classificar de “zona de remorso”, em torno da qual a onda viva e continua do pensamento passa a enovelar-se em circuito fechado sobre si mesma, com reflexo permanente na parte do veículo fisiopsicossomático ligada a lembrança da pessoa e circunstâncias associadas ao erro de nossa autoria. Estabelecida a idéia fixa sobre esse nódulo de forças mentais desequilibradas, é indispensável que acontecimentos reparadores se contraponham ao modo enfermiço do ser, para que nos sintamos exonerados desse ou daquele fardo íntimo, ou exatamente redimidos perante a Lei... É assim que o remorso provoca distonias diversas em nossas forças recônditas, desarticulando as sinergias do corpo espiritual, criando predisposições mórbidas para essa ou aquela enfermidade, entendendo-se, ainda, que essas desarmonias são, algumas vezes, singularmente agravadas pelo assédio vingativo dos seres a quem ferimos, quando imanizados a nós em processo de obsessão. Todavia, ainda

mesmo quando sejamos perdoados pelas vítimas de nossa insânia, detemos conosco os resíduos mentais da culpa, qual depósito de lodo no fundo da calma piscina, e que, uma dia, virão a tona de nossa existência, para a necessária expunção, à medida que se nos acentue o devotamento à higiene mental”. (Evolução em Dois Mundos – André Luiz – cap XIX - pg 213) “...no entanto, vergastado pelos remorsos, Ernesto entrou em comunhão com impassíveis agentes da sombra, que o fizeram presa de inomináveis torturas, por se recusar a segui-los nas práticas infernais. Conservando no ímo da alma a lembrança da vítima, através da percussão mental do arrependimento sobre os centros perispiríticos, enloqueceu de dor, vagueando por vários lustros, em tenebrosas paisagens, até que recolhido em nossa Instituição, foi convenientemente tratado para o reajuste preciso. Não obstante recuperado, porém, as reminiscências do crime absorviam-lhe o Espírito de tal sorte que, para o retorno à marcha evolutiva normal, implorou o regresso à carne, a fim de experimentar a mesma vergonha, a mesma penúria e as mesmas provas por ele infligidas ao irmão indefeso, pacificando deste modo, a consciência intranquã”. (Ação e Reação – André Luiz – cap.17 – pg 237)

“...achávamos-nos diante do homicida preso a constrangedores quadros mentais que o encerravam em punitivas recordações. Notava-se-lhe a intraduzível angústia, entre o remorso e o arrependimento”. (Ação e Reação – André Luiz – cap.5 – pg 67)

6. Arrependimento



Após efetivos padecimentos, com gradações diversas de sofrimento, chega um determinado instante que o Espírito sente a necessidade de mudança, não agüenta mais a condição repetitiva das aflições, e conscientemente quer sair da situação e com auxílio de muitos, assume os erros e quer realmente, de coração e pensamento, modificar a situação. É neste instante que o amor exhibe a grandeza do Pai Criador, lavando profundamente a alma, fazendo com que seja rompido o ciclo vicioso mental e suas conseqüências funestas, e a mente volta a gozar da liberdade de expressar pensamentos e sentimentos, abrindo a porta para a reparação.

É importante salientar que o arrependimento por si só não basta, pois não só há ainda a expiação, apesar da redução de carga pelo reequilíbrio alcançado e pela predisposição na correção dos erros, como também a necessidade de reparação. "...Como fui perverso...- Cale-se! Meditemos no trabalho a fazer. No arrependimento verdadeiro é preciso saber falar, para construir de novo". (Nosso lar – André Luiz – cap.5 - pg 39

"Depois que cometes um erro e tenhas consciência dele, começa a reabilitação. Nada de entregar-te ao desalento ou ao remorso. Da mesma forma como não deves insistir no propósito inferior, não te podes deixar consumir pelo arrependimento. Este tem somente a função de conscientizar-te do mal feito. Perdoa-te, encoraja-te e dá início à tarefa de reequilíbrio pessoal, diminuindo e reparando os prejuízos causados". (Joanna de Angelis)

"A conseqüência do arrependimento no estado corporal é fazer que, já na

vida atual, o Espírito progrida, se tiver tempo de reparar suas faltas. Quando a consciência o exprobra e lhe mostra uma imperfeição, o homem pode sempre melhorar-se." (LE – Allan Kardec – q.992)

"Não há homens que só têm o instinto do mal e são inacessíveis ao arrependimento. Já te disse que todo Espírito tem que progredir incessantemente. Aquele que, nesta vida, só tem o instinto do mal, terá noutra o do bem e é para isso que renasce muitas vezes, pois preciso é que todos progridam e atinjam a meta. A diferença está somente em que uns gastam mais tempo do que outros, porque assim o querem. Aquele, que só tem o instinto do bem, já se purificou, visto que talvez tenha tido o do mal em anterior existência". (LE – Allan Kardec – q.993)

"O homem perverso, que não reconheceu suas faltas durante a vida, sempre as reconhece depois da morte e, então, mais sofre, porque sente em si todo o mal que praticou, ou de que foi voluntariamente causa. Contudo, o arrependimento nem sempre é imediato. Há Espíritos que se obstinam em permanecer no mau caminho, não obstante os sofrimentos por que passam. Porém, cedo ou tarde, reconhecerão errada a senda que tomaram e o arrependimento virá. Para esclarecê-los trabalham os bons Espíritos e também vós podeis trabalhar". (LE – Allan Kardec – q.994)

"O arrependimento durante a vida concorre para a melhoria do Espírito, mas ele tem que expiar o seu passado. Se, diante disto, um criminoso dissesse que, cumprindo-lhe, em todo caso, expiar o seu passado, nenhuma necessidade tem de se arrepender, tornar-se mais longa e mais penosa a sua expiação,



desde que ele se torne obstinado no mal”.(LE – Allan Kardec – q.999)

“Já desde esta vida poderemos ir resgatando as nossas faltas, reparando-as. Mas, não creiais que as resgateis mediante algumas privações pueris, ou distribuindo em esmolas o que possuídes, depois que morrerdes, quando de nada mais precisais. Deus não dá valor a um arrependimento estéril, sempre fácil e que apenas custa o esforço de bater no peito. A perda de um dedo mínimo, quando se esteja prestando um serviço, apaga mais faltas do que o suplício da carne suportado durante anos, com objetivo exclusivamente pessoal. Só por meio do bem se repara o mal e a reparação nenhum mérito apresenta, se não atinge o homem nem no seu orgulho, nem no seus interesses materiais. De que serve, para sua justificação, que restitua, depois de morrer, os bens mal adquiridos, quando se lhe tornaram inúteis e deles tirou todo o proveito ? De que lhe serve privar-se de alguns gozos fúteis, de algumas superfluidades, se permanece integral o dano que causou a outrem ? De que lhe serve, finalmente, humilhar-se diante de Deus, se, perante os homens, conserva o seu orgulho?” (LE – Allan Kardec – q.1000)

“O arrependimento para aquele que, em artigo de morte, reconhece suas faltas, quando já não tem tempo de as reparar lhe apressa a reabilitação, mas não o absolve.

Diante dele não se desdobra o futuro, que jamais se lhe tranca?” (LE – Allan Kardec – q.1002)

“É sempre boa a influência que os Espíritos bons exercem uns sobre os outros. Os Espíritos perversos, esses procuram desviar da senda do bem e

do arrependimento os que lhes parecem suscetíveis de se deixarem levar e que são, muitas vezes, os que eles mesmos arrastaram ao mal durante a vida terrena”.(LE – Allan Kardec – q.971) “O arrependimento se dá, principalmente, no estado espiritual. Mas, também pode ocorrer no estado corporal, quando bem compreendeis a diferença entre o bem e o mal”. (LE – Allan Kardec – q.990)

“A consequência do arrependimento no estado espiritual é desejar o arrependido uma nova encarnação para se purificar. O Espírito compreende as imperfeições que o privam de ser feliz e por isso aspira a uma nova existência em que possa expiar suas faltas”. (LE – Allan Kardec – 991) “Pode também acontecer que, depois de se haver arrependido, o Espírito se deixe arrastar de novo para o caminho do mal, por outros Espíritos ainda mais atrasados”. (LE – Allan kardec – q.996)

“Vêem-se Espíritos, de notória inferioridade, acessíveis aos bons sentimentos e sensíveis às preces que por eles se fazem. E outros Espíritos, que devêramos supor mais esclarecidos, revelam um endurecimento e um cinismo, dos quais coisa alguma consegue triunfar. A prece só tem efeito sobre o Espírito que se arrepende. Com relação aos que, impelidos pelo orgulho, se revoltam contra Deus e persistem nos seus desvarios, chegando mesmo a exagerá-los, como o fazem alguns desgraçados Espíritos, a prece nada pode e nada poderá, senão no dia em que um clarão de arrependimento se produza neles.

Não se deve perder de vista que o Espírito não se transforma subitamente, após a morte do corpo.



Se viveu vida condenável, é porque era imperfeito. Ora, a morte não o torna imediatamente perfeito. Pode, pois, persistir em seus erros, em suas falsas opiniões, em seus preconceitos, até que se haja esclarecido pelo estudo, pela reflexão e pelo sofrimento”. (LE – Allan Kardec – q.997)

“Há Espíritos de arrependimento muito tardio; porém, pretender-se que nunca se melhorarão fora negar a lei do progresso e dizer que a criança não pode tornar-se homem.SÃO LUÍS”. (LE – Allan Kardec – q.1007)

7. Reparação

Efetivamente o processo somente será encerrado quando ocorrer à reparação dos erros cometidos, passo seguinte à ocorrência do arrependimento, quando há firmeza de propósitos do Espírito em delito.

Para ocorrer a reparação há necessariamente de haver mudança de comportamento, implicando em movimentação e ação, estabelecendo a paz na consciência pela eliminação da falha e suas conseqüências.

Nesta situação, toda a expiação inerente ao erro é extinta por completo.

Evidentemente, há casos em que não teremos como reparar os erros de forma imediata, por vezes, nossas vítimas já desencarnaram ou não temos mais contato direto, então surge a necessidade de através da prece alcançarmos nossos credores e vibrarmos por eles e praticarmos o serviço ao próximo como meio de vida, pela mudança que iremos operar em nosso interior, para nos habilitarmos a aproveitar a situação de reencontro quando ela surgir, talvez em programas reencarnatórios futuros.

E mesmo na condição de já termos

sido perdoados pelos nossos credores, o débito ainda permanece em nós, e aí poderemos pela transformação moral, pelo trabalho de amor incessante para com o próximo, se fazer merecedor de novas oportunidades onde teremos nossos sofrimentos de expiação minimizados e se conseguirmos nos manter fiel aos propósitos e compromissos assumidos até o fim, teremos liquidado em definitivo o referido débito.

Há faltas que não causam prejuízos diretos e a reparação é praticar o que foi descuido, estabelecendo o correção de conduta nas novas situações, possibilitando o aproveitamento das lições assimiladas do passado ainda em delito. “...com seu gesto inesquecível, após seu desencarne ressurgir em primeiro lugar para Maria de Magdala em vista de tantos outros, Jesus ratificou a lição de que a sua doutrina será, para todos os aprendizes e seguidores, o código de ouro das vidas transformadas para a glória do bem. E ninguém, como Maria de Magdala, houvera transformado a sua, à luz do Evangelho redentor”. (Caminho, Verdade e Vida – Emmanuel – cap.92 – pg 199) “O arrependimento, conquanto seja o primeiro passo para a regeneração, não basta por si só: são precisas a expiação e a reparação. Arrependimento, expiação e reparação constituem, portanto, as condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas conseqüências. O arrependimento suaviza os travos da expiação, abrindo pela esperança, o caminho da reabilitação; só a reparação, contudo, pode anular o efeito destruindo-lhe a causa. Do contrário o



perdão seria uma graça, não uma anulação. - O arrependimento pode dar-se por toda a parte e em qualquer tempo; se for tarde porém, o culpado sofre por mais tempo. Até que os últimos vestígios da falta desapareçam, a expiação consiste no sofrimento físico ou moral que lhe são conseqüentes, ou seja na vida atual, ou seja na vida espiritual após a morte, ou ainda em nova existência corporal.

- A reparação consiste em fazer o bem àqueles a quem se havia feito o mal. Quem não repara os seus erros numa existência, por fraqueza ou má vontade, achar-se-á numa existência ulterior em contato com as mesmas pessoas que de si tiverem queixas e em condições voluntariamente escolhidas, de modo a demonstrar-lhes reconhecimento e fazer-lhes tanto bem quanto mal lhes havia feito. Nem todas as faltas acarretam prejuízo direto e efetivo; em tais casos a reparação se opera, fazendo-se o que se deveria fazer e foi descuidado; cumprindo os deveres desprezados, as missões não preenchidas; praticando o bem em compensação ao mal praticado, isto é, tornando-se humilde se tem sido orgulhoso, amável se foi rude, caridoso se foi egoísta, benigno se foi perverso, laborioso se ocioso, útil se foi inútil, frugal se intemperante, exemplar se não o foi. Assim progride o espírito, aproveitando-se do próprio passado". (Céu e o Inferno – Allan Kardec – cap.VII - 1a.parte – código penal da vida futura – itens 16 e 17) "...Em suma, quando o homicida desencarnou, por sua vez, trazia o organismo perispiritual em dolorosas condições, além do remorso natural que a situação lhe impusera. Arrependeu-se do crime, sofreu muito nas regiões purgatorias e, depois de

largos padecimentos purificadores, aproximou-se da vítima, beneficiando-a em louváveis serviços de resgate e penitência. Cresceu moralmente, tornou-se amigo de muitos benfeitores, conquistou a simpatia de vários agrupamentos de nosso plano e obteve preciosas intercessões. Entretanto, a dívida permanece. O amor, contudo, transformou o caráter do trabalho de pagamento. O nosso amigo, ao voltar à Crosta, não precisará desencarnar em espetáculo sangrento, mas onde estiver, durante os tempos de cura completa, na carne que ele outrora menosprezou, carregará a própria ferida, conquistando, dia a dia, a necessária renovação. Experimentará desgostos, em virtude do sofrimento físico pertinaz, lutará incessantemente, desde a eclosão da ulcera até o dia do resgate final no aparelho fisiológico; entretanto, se souber manter-se fiel aos compromissos novos, terá atingido, mais tarde, a plena libertação". (Missionários da Luz – André Luiz – cap.12 - Pg 177)

8. Conclusões

No nosso estágio atual evolutivo, dada à imperfeição ainda presente, somos colhidos de forma constante pelo sentimento de culpa.

Devemos nos exercitar para identificarmos os sinais e os alertas que nossa sentinela vigilante sempre nos informa, afinando a nossa sintonia. O exercício do auto-conhecimento é de fundamental importância para auxiliar a identificar pontos em que devemos trabalhar para nossa renovação moral e intelectual. Ao constatarmos a ocorrência do sentimento de culpa, busquemos ajuda da espiritualidade, dos amigos, dos recursos de



assistência na Doutrina Espírita, mas identifiquemos o erro, arrependam-nos das faltas cometidas, através do auto-perdão e aceitemos nossa inferioridade sem reclamar, resignando-nos da expiação, mas aproveitemos a provação para torná-la significativa, buscando a reparação sem mais demora.

Aprendamos a servir ao próximo, exercitando nossa capacidade de amar, pois assim tornaremos possível combater nossos defeitos e aprimorar nossas qualidades, reduzindo a possibilidade de errar, cada vez mais.

Estudemos para ser possível através do progresso intelectual desenvolvermos com discernimento o progresso moral, fortalecendo a nossa fé, cuja estrutura é o conhecimento, assim teremos a fé raciocinada, que nos impulsionará a perfeição.

Em termos práticos: Estamos com sentimento de culpa. O que fazer? – Sugestão:

1) Buscar momentos de reflexão, num ambiente tranqüilo e através de uma prece, estabelecer sintonia com a espiritualidade maior, que com toda a certeza estará ao nosso lado, já que a intenção que nos move é nobre, e necessária para nosso aprendizado e crescimento espiritual.

2) Buscar identificar e analisar o erro. Com calma e tranqüilidade. Qual é a causa do erro? Avaliar com base em nossos defeitos. Aí residem as causas.

3) Aceitar a nossa limitação como Espíritos Imperfeitos, mas responsáveis pelo nosso esforço próprio de evolução, segundo nosso estágio evolutivo (traduz o que realmente é possível fazermos, pois o ideal é assemelhar-se a Jesus, em seu comportamento).

4) Efetivamente, caracterizar se a

nossa vontade real é resolver o erro e repará-lo.

5) Não se permitir ficar preso no ciclo vicioso mental, entre o sentimento de culpa e o remorso, remoendo os pensamentos negativos e a situação em si. Precisamos de idéias novas, renovadoras para quebrar o ciclo. Importância de ocuparmos nossa mente e tempo de forma útil...daí surge o primeiro benefício da caridade para quem a executa.

6) Buscar apoio na espiritualidade, analisar como agir para buscar a reparação do erro, fortalecer-se na fé, munir-se de coragem e ir na busca daqueles que prejudicamos ou estão envolvidos na questão.

7) Independente da reação dos envolvidos, não medir esforços para reparar o erro até o limite do possível (consciência não nos culpa), sem exigir determinados comportamentos ou ficar na expectativa de que nossos credores adotem postura cristã. Somos responsáveis exclusivamente por nossos atos.

8) Durante o período de expiação, resignar-se, não reclamar ou revoltar-se, tendo em mente que “tudo passará” e virá o tempo em que nos sentiremos felizes por termos conseguido eliminar o ônus dos erros cometidos. O caso relatado no cap.12 do livro Mundo Maior – André Luiz, retrata na íntegra todas as fases discutidas neste trabalho e aconselhamos sua leitura e estudo para consolidar as informações aqui relatadas.

Retomando os parágrafos iniciais de nosso estudo, após todo este trafegar pelo que encerra o tema sentimento de culpa, podemos concordar com Emmanuel quanto ao caráter consolador e libertador do Espiritismo, uma vez que



compreendendo sua origem, seus efeitos e suas conseqüências se bem aproveitarmos a oportunidade, podemos nos consolar, mas ao mesmo tempo, vislumbrarmos a oportunidade de nos desvencilharmos trabalhando nas suas causas pela clareza dos objetivos que temos por alcançar, pelo esforço próprio e pela ajuda de muitos. E recorrendo ao Emmanuel, uma vez mais, finalizemos assim:

Remuneração Espiritual

" o lavrador que trabalha deve ser o primeiro a gozar dos frutos." Paulo - II Timóteo, 2:6. Além do salário amodado o trabalho se faz invariavelmente, seguido de remuneração espiritual respectiva, da qual salientamos alguns dos itens mais significativos: acende a luz da experiência; ensina-nos a conhecer as dificuldades e problemas do próximo, induzindo-nos, por isso mesmo, a respeitá-lo; promove a auto-educação; desenvolve a criatividade e a noção de valor do tempo; imuniza contra os perigos da aventura e do tédio; estabelece apreço em nossa área de ação; dilata o entendimento; amplia-nos o campo das relações afetivas; atrai simpatia e colaboração; extingue, a pouco e pouco, as tendências inferiores que ainda estejamos trazendo de existências passadas. Quando o trabalho, no entanto, se transforma em prazer de servir, surge o ponto mais importante

da remuneração espiritual: toda vez que a Justiça Divina nos procura no endereço exato para execução das sentenças que lavramos contra nós próprios, segundo as leis de causa e efeito, se nos encontra em serviço ao próximo, manda a Divina Misericórdia que a execução seja suspensa, por tempo indeterminado. E, quando ocorre, em momento oportuno, o nosso contato indispensável com os mecanismos da Justiça Terrena, eis que a influência de todos aqueles a quem, porventura, tenhamos prestado algum benefício aparece em nosso auxílio, já que semelhantes companheiros se convertem espontaneamente em advogados naturais de nossa causa, amenizando as penalidades em que estejamos incursos ou suprimindo-as, de todo, se já tivermos resgatado em amor aquilo que devíamos em provação ou sofrimento, para a retificação e tranqüilidade em nós mesmos. Reflitamos nisso e concluamos que trabalhar e servir, em qualquer parte, ser-nos-ão sempre apoio constante e promoção à Vida Melhor.

EMMANUEL

(Perante Jesus)

A presente abordagem surgiu durante o estudo do livro "No Mundo Maior – Cap.12 – Enfermidade Estranha", no Grupo de Estudos André Luiz – GEAL, do Grupo Espírita Casa do Caminho/SP.



MIGRAÇÕES INTERPLANETÁRIAS

Quando se considera que as existências humanas são solidárias entre si e que somos solidários na responsabilidade de nossos atos, a partir da afirmação do Cristo de que são muitas as moradas, é conclusivo chegarmos a um novo conceito complementar, mas de maior expressão: também a de solidariedade entre os mundos habitados. Essa tese autoriza a admitir migrações interplanetárias. Note-se que um conceito como que puxa outro num crescendo e assim a sobrevivência da alma como noção básica de todas as religiões chega a culminâncias. Com as palavras do Cristo tomadas a descoberto e incorporadas à Doutrina dos Espíritos, a da reencarnação e a da pluralidade dos mundos habitados, vistas em conexão, fica a Terra em sua verdadeira posição no Cosmo assim no entendimento da Ciência como no campo da conceituação intelectual-moral da filosofia, pelo menos da filosofia espírita, com a interpretação desmistificada e decodificada dos textos da Nova Escritura. E deixa de envergar a hegemonia dos velhos conceitos bíblicos do geocentrismo. Já não é tida e havida por única residência de seres inteligentes. E por força não estão brincando os cientistas que gastam tempo precioso, muito dinheiro e que cansam a paciência no afã da investigação dos sinais de vida inteligente além dos Espaços. Mais próximos dos cientistas está exatamente o Espiritismo. Ou vice-versa.

Certo que é preciso muito cuidado com tudo isso. O que já se escreveu de fantasioso a respeito é de admirar.

Nomes famosos assinaram descrições não confirmadas... Videntes e sonhadores nem se contam. Nem porque isso seja um fato, outro é o caminho. Cuidado e paciência são necessários. O que a respeito nos falam os Espíritos que reputamos sérios não tem nada de espetacular, mas de cabimento. E por aí que se pode trilhar. Não se trata de descrições de vida em outro planeta. Mal entendemos quando nos falam da vida espírita ainda no âmbito da psicofera terrestre...

Enumeramos, em resumo, pelo menos o que seriam cinco noções que podem nortear o nosso raciocínio. Elas são tiradas das afirmações constantes de "O L. dos Espíritos", de "A Gênese" e de "A Caminho da Luz". Seriam elas: 1' - Os Espíritos não estão ligados indefinidamente a um mundo, nele não passam obrigatoriamente por todas as fases de progresso até à perfeição. 2' - Não precisam os Espíritos passar pela fieira interminável dos mundos, mas pelo correspondente a cada grau de sua evolução. Em cada um deles ocupará situações diferentes e somará experiências. 3' - Os mundos por sua vez também progridem, com o progresso de sua humanidade, mas haverá sempre retardatários, recalcitrantes no erro, que o novo estágio evolutivo não mais comporta. 4' - Os recalcitrantes, embora com bons níveis de conhecimento, podem então sofrer de grado provisório. Levam o progresso adquirido a mundos primitivos, impulsionando o progresso das populações primitivas e a si próprios beneficiando pelo



sofrimento e pelo trabalho. 5'-Espíritos devotados ao Bem podem imergir em mundos atrasados em missão de auxílio sem a condição de degredo.

Ora, dir-se-á, trocaria o Espiritismo o Inferno dos pagãos, e que a Igreja levou de herança, por esse outro tipo de castigo? Menos mal, todavia. Mas o que se deseja passar aqui, porque predomina como princípio divino, é não bem o castigo, mas a solidariedade. Aqui a oportunidade de progredir e de fazer progredir dignifica o processo. Na idéia do Inferno e das penaseternas não existe o sentido da recuperação nem do auxílio de ninguém.

Quais seriam os elementos de substancialização da tese? Ela explicaria alguma coisa mais? Perfeito. Ela explica lendas como reminiscências. Ajusta afirmações que sem ela ficariam sem cabimento, no rol dos dogmas que muitos aceitam porque é proibido não aceitar. Adão passa a ser o símbolo de uma raça, a raça adâmica.

E é por isso que ele, o pretenso primeiro homem, encontrou cidades e sua descendência encontrou mulheres com quem coabitar. Era uma raça não autóctone, que veio trazer um surto de progresso ao homo sapiens. O pecado original não tem nada de fantasia do Eden. Era a lembrança da culpa, do pecado que originou o degredo. E a lenda deixa entender em seu simbolismo que era sobretudo o da luxúria. Aí se enquadra

a idéia da queda dos anjos rebeldes. Ora, bons que fossem, não se poderiam tornar maus, rebeldes, porque em seu nível de progresso os anjos estão em plena harmonia com Deus.

Rebeldes os Espíritos, embora o progresso intelectual, caíram nas malhas do degredo como um imperativo de ajuste. As saudades do mundo que deixaram formaram o quadro do paraíso perdido. E é por isso que se diz ainda dos deuses que desceram em tempos idos, realizaram a miscigenação das raças humanas e desapareceram.

E fica então a pergunta: estaria a Terra caminhando hoje em dia para um próximo processo de expurgo? É o que deixa entender a questão 1019, exatamente a última de "O L. dos Espíritos". Uma longa dissertação de São Luís. Um expurgo à vista. O que não significa nenhuma hecatombe, mas um trabalho de seleção em curso. E será então que os mansos e pacíficos herdarão a Terra, um mundo que terá passado para a fase da regeneração. Promoção que poderá ocorrer por todo o decorrer do próximo milênio, ao que podemos supor. Porque a Lei do Progresso abrange os seres inteligentes e os mundos no Infinito.

FONTE

REENCARNAÇÃO EM FOCO, por Alberto de Souza Rocha, ed. OCLARIM



O JOVEM E SEUS PROBLEMAS

CAUSA E EFEITO

"O Espiritismo diz que aquele que matar um homem com um tiro de revólver no coração, na sua própria existência será portador de um grave problema do coração. Eu pergunto: aquele que fizer o mesmo, porém matar em legítima defesa, também será portador dessa grave doença?" (C R A – Vera Cruz – SP)

Primeiro, vamos fazer um pequeno reparo nessa afirmação. A Doutrina Espírita reafirma o que a ciência sempre disse: existe uma Lei de Causa e Efeito. Mas essa lei, aplicada à nossa vida moral, tanto quanto à vida biológica, não funciona segundo um modelo matemático preciso. Essa relação, que você estabelece, entre matar com um tiro no coração e sofrer uma doença cardíaca na próxima existência, pode acontecer, mas é apenas uma probabilidade, e não um fato certo, inevitável. Existem uma infinidade de efeitos provenientes de uma mesma causa: isso quer dizer que a doença cardíaca é apenas um dos possíveis efeitos daquela causa. Assim, quando falamos que "todo efeito tem uma causa" ou que "toda causa deriva de um efeito", trata-se de uma regra geral, pois, uma causa pode gerar vários efeitos ou vários efeitos podem decorrer de uma única ou de uma série de causas. Cada caso é um caso. Feito o reparo, voltamos a afirmar o seguinte: nenhum de nossos atos escapa à lei natural; bom ou mal, ele sempre tem retorno, que não é o mesmo para todas pessoas ou para todas as situações. Mas, quando praticamos um ato danoso – ou seja, um ato que traz prejuízo para alguém – podemos sofrer dois tipos de conseqüências para o ato cometido. A primeira conseqüência deriva da natureza do próprio ato; por exemplo, matar alguém. Claro, que isso tem um custo para nós, uma conseqüência ou uma repercussão em nossa vida futura – e nem poderia ser de outro modo. A segunda conseqüência, Cristiano, é de ordem moral, ou seja, em que circunstâncias cometemos o ato? O crime foi premeditado? Matamos porque queríamos matar? Ou matamos por mero acidente? ou apenas para nos defender? Esta questão de ordem moral é a mais importante para o nosso mundo íntimo. Como todo ato traz conseqüência, claro que o simples fato de matar ou provocar a morte de alguém terá conseqüência em nossa vida. Mas, a conseqüência será mais drástica se o fizemos com a intenção de matar, se o praticamos consciente e deliberadamente para provocar aquela morte, se matamos porque queríamos

matar, porque odiamos a pessoa naquele momento e desejamos a sua morte. No entanto, se o resultado que provocamos, ainda que seja a morte de alguém, não dependeu de nossa vontade; se o fizemos porque não havia outra alternativa, se não pudemos ou não conseguimos evitar porque estava além de nossas forças, com certeza, não ter uma atenuante a nosso favor. O mecanismo responsável pelas chamadas "doenças cármicas" (doenças derivadas de atos praticados em encarnações anteriores) decorre da condição moral do Espírito. É ele que, atormentado pelo ódio ou pelo sentimento de culpa diante do mal que fez, volta-se contra si mesmo, como numa espécie de autopunição, provocando enfermidades ou deficiências no próprio corpo. São as doenças mais difíceis, muitas vezes incuráveis, porque elas emergem do fundo da alma, maculando o perispírito e deixando uma marca profunda na consciência. Portanto, caro leitor, as condições de quem praticou o crime deliberadamente e quem o fez apenas por uma determina circunstância da vida são completamente diferentes. Não podemos saber, evidentemente, quais serão suas conseqüências, mas podemos assegurar que elas terão conseqüências diferentes.

CORPO FLUÍDICO

Diz a Bíblia que todo espírito, que não confessa que Jesus Cristo não veio em carne, não é de Deus; mas aquele que confessa que Jesus veio na carne, esse é de Deus", palavras de João, primeira epístola, capítulo 4, versículo 3. Naturalmente, ele quer uma explicação sobre isso. Pergunta ainda sobre os Espíritos que se comunicam nos centros espíritas, se eles não estariam no esquecimento para retornarem no dia da ressurreição. (Silvério Jacomini – GARÇA-SP)

Vamos à primeira parte da pergunta. Essa questão sobre o corpo de Jesus, se ele era uma pessoa comum ou não – ou seja, se ele tinha ou não um corpo de carne – é muito antiga e há aqueles que ainda hoje discutem essa questão. Nessa passagem, que você cita, João está tratando justamente desse assunto. Quando correu a notícia de que Jesus havia aparecido, depois de morto, reavivaram os ânimos entre seus seguidores. O mestre de Nazaré havia falado da ressurreição – ou seja, ele havia dito que a vida continua após a morte, que ressurgimos depois. Com certeza, muito poucos acreditaram nisso. Basta considerar a



decepção que sentiram quando ele foi crucificado e morto. No entanto, a notícia de seu reaparecimento depois da morte causou espanto e, ao mesmo, tempo uma inusitada alegria entre aqueles que já tinham perdido a esperança na sua palavra. Então, Jesus tinha razão - concluíram: o Espírito não morreu! A vida continua!... É claro que, naquela época, a ignorância era muito maior que hoje. A partir dos relatos das primeiras aparições de Jesus - ou às mulheres junto ao túmulo, ou aos discípulos na casa de Pedro e na estrada de Emaús, ou na praia para os pescadores - começaram as cogitações e as especulações a respeito da sua morte e de seu corpo. Ora, muita gente viu que Jesus foi realmente crucificado, que ele havia morrido na cruz e que fora sepultado, como os cadáveres de todas as pessoas que morriam. Então, como foi que ele apareceu? Surgiram, então, entre seus seguidores, duas grandes interpretações sobre o fato. A primeira interpretação, a mais simples - que dizia que Jesus efetivamente tinha morrido - mas que, por um milagre de Deus, seu corpo carnal se reconstituiu e retornou à vida, tal como era antes. Talvez tenha sido esta interpretação a que mais caiu na confiança no povo e, por isso, muitos passaram a acreditar na ressurreição da carne, hoje dogma da Igreja. Mas havia uma outra interpretação. Os partidários de uma corrente chamada docetismo passaram a afirmar que Jesus não morreu de verdade, porque o corpo dele não era um corpo comum como o nosso. Era um corpo celestial ou espiritual, que não estava sujeito às vicissitudes da carne - ou seja, ao mesmo desgaste, à doença ou à morte - e que, portanto, era um corpo que não podia morrer. Esta foi uma das primeiras questões que dividiram os cristãos, causando muita discussão. Com certeza, João, que convivera com Jesus - pois lhe fora um dos discípulos - não podia concordar com a idéia de que Jesus não tivera um corpo como o nosso, porque se isso, realmente, tivesse acontecido, tudo o que aconteceu com ele - sofrimento e morte - não teria passado de uma mera encenação. Na verdade, se seu corpo não fosse de carne, ele não teria sofrido como se pensava; o sangue - que jorrara de seu corpo por ocasião do martírio - também não era verdadeiro, e tanto o seu martírio quanto a sua morte eram, portanto, puro fingimento. Essa idéia absurda deve ter chocado João. Ele não podia concordar com isso, razão pela qual ele passou a combater ardorosamente quem afirmasse que Jesus não tinha um corpo de carne. Foi por essa razão, caro leitor, que João escreveu que todo espírito, que não reconhece que Jesus veio num corpo de carne, não pode ser de Deus - isto, não pode ser verdadeiro. Mas, por que será que João, na primeira carta, fala de Espíritos e não de

pessoas? Porque, naquela época, eram comuns as manifestações de Espíritos nas reuniões dos cristãos. Repare que, na época em que esses textos foram escritos, já haviam passado várias décadas da morte de Jesus, mas os seus seguidores - incluindo Paulo - recebiam orientação de Espíritos, através de manifestações que, hoje, chamamos de mediúnicas. Paulo, inclusive, em suas cartas, referindo-se a tais manifestações, fala dos dons espirituais - que nada mais que são que hoje o Espiritismo chama de faculdades mediúnicas. À propósito, João, neste mesmo capítulo, chega a prevenir as pessoas, alertando para que não sejam enganadas por qualquer Espírito; deveriam verificar quais eram os Espíritos que vinham de Deus, ou seja, quais aqueles em que realmente se podia confiar, porque havia muitos enganadores, que traziam idéias e teorias falsas. Foi Paulo de Tarso quem deu a melhor interpretação do fenômeno da ressurreição. E isso está em uma de suas cartas aos Coríntios. Paulo não concordou, nem com aqueles que achavam que Jesus ressuscitou no mesmo corpo carne, nem com aqueles que diziam que Jesus viveu na Terra num corpo celestial. Ele, Paulo, diz que Jesus teve um corpo carnal (como o nosso), mas ressuscitou num corpo espiritual (que, no Espiritismo, chamamos de perispírito). E Paulo vai mais longe, quando diz que todos nós ressuscitaremos com esse corpo espiritual, "porque não morreremos, mas seremos transformados" - diz ele. Essas conclusões de Paulo são muito importantes para podermos compreender que a ressurreição não é um fenômeno distante, mas um fenômeno que acontece com todas as pessoas logo que desencarnam, pois todas têm um corpo espiritual e é, com ele, que ressurgem para a vida espiritual, logo após a morte. Respondendo a segunda parte de sua pergunta, Silvério, podemos dizer que os Espíritos, que se comunicam no centro, são aqueles que viveram conosco aqui na Terra - familiares, parentes, amigos ou pessoas estranhas. Na verdade, como Jesus, eles ressurgiram após a morte do corpo, embora nem todos se manifestem como Jesus se manifestou. A aparição de Jesus se deu através de um fenômeno que chamamos de materialização, uma vez que o corpo espiritual (ou perispírito) é invisível no seu estado normal, mas pode, em circunstâncias muito especiais, se fazer visível e até mesmo palpável, como a aparência de um corpo comum. Outro exemplo típico de materialização na Bíblia está no aparecimento dos Espíritos de Moisés e Elias para Jesus, no Monte Tabor, fenômeno que foi presenciado por



três dos discípulos. Pesquisas realizadas por eminentes cientistas já foram capazes de obter materializações perfeitas de Espíritos. Se você quiser ler alguma coisa nesse

sentido e obter um testemunho extraordinário de materialização de um ente querido, consulte o livro "MATERIALIZAÇÕES LUMINOSAS", autoria de R. A. Ranieri.



VIDAS SUCESSIVAS

Somente a reencarnação ou vidas sucessivas, provam plenamente a Grandeza Divina. Considerando-se a vida humana, tão-somente do berço ao túmulo, chegaremos à óbvia conclusão de que Deus é tão falível como o ser humano, tendo em vista as diferenças gritantes existentes no seio da coletividade, onde se pode facilmente constatar pobres e ricos, obtusos e inteligentes, doentios e saudáveis, vivendo ombro a ombro, partilhando situações existenciais discrepantes entre si.

A unicidade de vida é incompatível com a Justiça Divina, o que não podemos sequer admitir, face à Inteligência Suprema que governa o Universo. Sobre o tema reencarnação, vamos ouvir o diálogo entre dois jovens.

- Lucas, você que é espírita pode me dar informações a respeito da reencarnação? - solicitou Diogo.

- Sem dúvida!

- Outro dia você abordou, de passagem, esse tema, hoje eu quero saber o porquê de tantas reencarnações destinadas ao nosso progresso.

- Caro Diogo, Deus criou os espíritos simples e ignorantes. Simples, porque não eram complexos como somos atualmente; ignorantes, porque desconheciam todas as coisas, até as mais rudimentares. A partir daí cada um foi usando o seu livre-arbítrio que Deus lhe concedeu para evoluir. Alguns souberam aproveitar as oportunidades concedidas e progrediram mais rapidamente; outros não tiveram a mesma iniciativa, partiram para as conquistas mais fáceis e enganosas, perderam tempo,

retardaram a própria evolução. Não podemos olvidar que cada um de nós é autor do próprio destino. Fenômeno semelhante ocorre nas escolas, onde existem alunos aplicados e ociosos; os primeiros aprendem rapidamente as matérias lecionadas; os segundos, marcam passo - esclareceu Lucas.

- Então, não existe um número fixo de reencarnações?

- perguntou Diogo, ávido de novos conhecimentos.

- A quantidade de encarnação será proporcional ao que o espírito necessitar. Assim, depende unicamente de cada ser retornar mais vezes ou menos vezes, até conquistar a própria evolução aqui na Terra. O tempo e a dor são valiosos instrumentos de progresso na recuperação dos ensejos perdidos. A boa vontade e a determinação são fatores indispensáveis no bom aproveitamento do aprendizado.

- Então, todos os espíritos estão progredindo?

- Na pior das hipóteses, Diogo - disse Lucas - o espírito pode estagnar por algum tempo. Contudo, ninguém ficará à margem da lei do progresso. O tempo e a dor são os grandes mestres da Humanidade. Há inclusive uma máxima que diz: "Quem não vai pelo amor, irá pela dor".

- O espírito somente evolui aqui na Terra ou ele pode ingressar em outros planetas?

- Os espíritos evoluem através das inumeráveis reencarnações, até atingirem o progresso que o planeta enseja; depois, são promovidos a outros mundos, até atingirem a perfeição, embora esta seja sempre relativa, jamais absoluta.



- O espírito, depois de lograr a perfeição, pode reencarnar em mundos inferiores?

- Perfeitamente! Foi o que ocorreu com Jesus, reencarnou-se na Terra para dar cumprimento à sua sublime missão, qual seja, orientar a Humanidade através de lições de luz e exemplos elevados, incentivando os homens a triunfarem sobre as imperfeições morais e obter conquistas enobrecidas. Quando isso ocorrer a criatura será livre e feliz, capacitada a realizar grandes cometimentos do agrado do Cristo.

Diogo acompanhava o raciocínio do amigo, com muita atenção; depois, reiniciou o diálogo, perguntando:

- Face ao que você está dizendo, as reencarnações são numerosas, pois o progresso do espírito é muito lento. Estou certo?

- Realmente! Enquanto o espírito não se conscientiza da verdade, o progresso é bastante lento, porque as circunstâncias que o envolvem aqui na Terra, falam mais alto aos sentidos físicos. Os obstáculos são difíceis, mas não impossíveis de serem superados, proporcionando preciosas experiências de vida. Quando o espírito entende o verdadeiro significado da existência humana, fatalmente ele chegará a óbvia conclusão de que poderá ser feliz, dependendo unicamente dos seus esforços e perseverança no sentido do bem e da verdade. Saberá, igualmente, que cada um é responsável pelo seu progresso espiritual. Caro amigo, até chegarmos ao conhecimento de tais verdades, teremos que viver incontáveis jornadas terrenas. Contudo, nada de desespero; afinal, somos imortais - argumentou Lucas.

- Então, é certo que a vida presente é

resultado de vivências anteriores...

- Certíssimo!... Assim, como estamos respondendo por situações criadas no pretérito, estamos, ao mesmo tempo, edificando o nosso futuro com base no nosso comportamento atual. Com base no que você está me dizendo? O espírito pode renascer homem ou mulher? - indagou Diogo, interessado no assunto.

- Primeiramente, quero esclarecer, que os espíritos não têm sexo, como nós entendemos, e podem animar corpos masculinos e femininos (Questões de nº 200 e 201, de O LIVRO DOS ESPÍRITOS). No retorno ao vaso físico, após bem examinada a situação espiritual de cada ser, os especialistas em reencarnação avaliam em qual sexo ele deverá regressar à paisagem terrestre, no sentido de obter melhores resultados, face às metas evolutivas almejadas. Além do mais, os espíritos para conquistarem pleno amadurecimento em todos os aspectos, têm necessidade de estagiar nos dois sexos. "O homem é mais cérebro; a mulher, mais coração".

- Como explicar o caso das mulheres que mantêm atitudes masculinas e homens agindo de maneira feminina?

- Quando um espírito estagia muitas vezes seguidas num sexo, acaba ganhando uma linha de conduta relativa ao sexo vivido reiteradas vezes, isto é, homem com jeitinho feminino ou vice-versa. Não estamos incluindo aqui os espíritos sexualmente desajustados. Isso é outra coisa! - respondeu Lucas.

- Isso é outra coisa?!... Explique-se melhor!

- Os seres sexualmente desajustados, obtiveram, mercê da Misericórdia Divina, nova reencarnação, a fim de se

reabilitarem dos mesmos vícios e desequilíbrios de outras vidas. Contudo, estão, lamentavelmente, incidindo nas mesmas fraquezas morais, devido não serem suficientemente fortes para vencê-las - esclareceu Lucas, com convicção.

- Lucas, a ciência já reconhece a veracidade da reencarnação?

- Ainda não, apesar das reiteradas pesquisas e experiências efetuadas a respeito. Através da regressão da memória os cientistas obtiveram excelentes resultados, porém ainda não se curvaram a tais evidências. As crianças prodígios, por exemplo, comprovam cabalmente a lei das vidas sucessivas, pelo extraordinário conhecimento que revelam, não obstante a tenra idade que têm, solucionando questões a que são submetidas, sem qualquer aprendizado específico. São fatos que ratificam a reencarnação para quem tem "olhos de ver.

- Gostaria de saber, também, se há informações sobre o tema focado por nós, na Bíblia.

- Antes de mais nada, devemos ressaltar que Jesus não citou a reencarnação, abertamente, porque os discípulos e o povo, não estavam ainda suficientemente amadurecidos para entender e aceitar essa verdade. No Velho Testamento (Malaquias 4:5 e 6), há uma profecia que indica como precursor do Cristo, Elias. Nós sabemos que o precursor foi João Batista (Marcos 1:7 e 8). Apesar das informações serem divergentes, ninguém cometeu erro, ou seja, João Batista era Elias reencarnado. Há um diálogo entre Jesus e os seus discípulos, que nos oferece preciosa revelação, qual seja, o Divino Messias

falava sobre Elias e os discípulos entenderam que Ele se referia a João Batista (Mateus 17:10 a 13). Jesus que tinha pleno conhecimento das coisas, não contestou a opinião deles. Após pequena pausa, como Diogo aguardava novos esclarecimentos sobre o tema, Lucas, retomando a palavra, prosseguiu:

- Nicodemos era doutor da lei, certa vez ele procurou Jesus para um esclarecimento, ou seja, o que ele deveria fazer

para herdar a Vida Eterna. O Messias foi claro: "Ninguém pode ver o reino dos céus se não nascer de novo. Se um homem não nascer da água e do espírito, não pode ver o reino de Deus". (João 3:3 e 5). A Doutrina Espírita, abordando o tema à luz da verdade, esclarece que nascer da água é nascer materialmente, até a ciência materialista já concluiu de que toda forma de vida procede da água. Além do mais, não podemos descartar que o feto durante o período de gestação fica imerso no líquido amniótico (água). Nascer do espírito significa progredir espiritualmente na esteira infinita do tempo. - acrescentou Lucas.

- Realmente, você está bem informado. Posso retornar outras vezes, para novos esclarecimentos?

- Sem dúvida. Lembre-se sempre: "Só a verdade nos tornará livres" (João 8:32).

A seguir, despediram-se com um fraternal aperto de mão. Diogo e Lucas tinham prazer em conversar, sobretudo enfocando temas transcendentais.

FONTE

DIÁLOGOS DO COTIDIANO, por Armando Fernandes de Oliveira, ed. EME

"Você poderia definir o Espírito de Emmanuel?"

- O espírito de Emmafluel para mim é um protetor paternal e admiro nele a dedicação ao serviço do bem e sobretudo a sua persistência no apelo ao trabalho, do qual ele é, para mim, o melhor exemplo, porque Emmanuel não nos aconselha coisa alguma que signifique perda de tempo. Ele crê que o tempo é vida.

Então, devemos ao trabalho a nossa melhor homenagem, trabalhando e servindo constantemente."

(Retirado do livro KARDEC PROSSEGUE, por Adelino da Silveira, ed. CEU)

"Emmanuel me falou, certa vez: - Chico, se alguém se aproximar de você dizendo

que vai capinar o mundo, você não deve questionar... Dê a ele uma enxada! ... De fato, não podemos tirar o entusiasmo de ninguém. A crítica dos opositores de nossa fé não nos dói tanto quanto a crítica dos nossos irmãos de ideal... Vamos incentivar os jovens. Não somos donos do Movimento, a casa espírita não tem donos... Vamos criar oportunidade para o crescimento dos outros. Ninguém precisa anular ninguém... Sobra espaço para as estrelas no firmamento! Todas podem brilhar à vontade..."

(Retirado do livro O EVANGELHO DE CHICO XAVIER, por Carlos A. Baccelli, ed. DIDIER)



"Não precisamos esperar a formação de um grupo espírita para recepção de pessoas santas; vão chegar primeiro os mais infelizes; vão contar as mágoas, às vezes até os seus crimes; vêm atrás de amor... A Bondade de Deus não determina o extermínio de ninguém. 'Misericórdia quero, não sacrifício'. O Senhor nos pede misericórdia; não crítica, não preguiça... Estamos com uma Doutrina de muito serviço, então vamos trabalhar sem espírito de antagônismo, reprovação. Aquele que vem até nós é nosso irmão, nossa irmã."

"(Quanto ao fenômeno da vida e da morte)... posso dizer que me vejo, simbolicamente, na condição de um lagarto que conseguisse viver, durante longo tempo, e que, por isso, enxergou muitos lagartos - companheiros se cadaverizarem na forma de casulos aparentemente secos e imóveis, a se transformarem, logo após, em borboletas que vencem alturas, surpreendendo-se, com o belo fenômeno, sem possibilidades de explicá-lo."

(Retirado do livro O EVANGELHO DE CHICO XAVIER, por Carlos A. Baccelli, ed. DIDIER)

